



UNIVERSIDAD DEL SOL – UNADES
DIRECCIÓN DE POSTGRADO
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADE E
DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA
MUNICIPAL PUBLICA DONATILA DA COSTA LIMA DO CAPIBARIBE-PE**

JULIANA GOMES FERREIRA

Asunción – Paraguay

2024

JULIANA GOMES FERREIRA

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADE E
DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA
MUNICIPAL PUBLICA DONATILA DA COSTA LIMA DO CAPIBARIBE-PE**

Tesis presentada por (Juliana Gomes Ferreira) a la
Universidad Del Sol – UNADES, como requisito
para la obtención del título de Magíster en Ciencias
de la Educación.

Tutora: Prof^{ta}: Dr^a. Marta Lúcia de Souza Celino.

Asunción, Paraguay

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

J94a FERREIRA, Juliana Gomes.

As práticas de leitura no ambiente escolar: Realidade e desafios nos anos iniciais do ensino fundamental, na escola municipal pública Donatila da Costa Lima do Capibaribe-PE.

93f .:il.

Orientadora: Prof^ª: Dra. Marta Lúcia de Souza Celino.

Tesis (Maestría en Ciencias de la Educación) – Universidad Del Sol – UNADES, Asunción – Paraguay, 2024.

1. Prática de Leitura. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Professor. 4. Formação do Leitor.

CDD: 94-j



Maestría en Ciencias de la Educación

AS PRÁCTICAS DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADE E DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA MUNICIPAL PUBLICA DONATILA DA COSTA LIMA DO CAPIBARIBE-PE

Esta tesis fue evaluada y aprobada en fecha __/__/__ para la obtención del título de Magíster en Ciencias de la Educación por la Universidad del Sol – UNADES

MIEMBROS DE LA MESA EXAMINADORA:

Nombre:

Firmas:

Prof.^a. Dr.^a. Marta Lúcia de Souza Celino
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Shirley Vallejos de Ibars
Examinadora

Prof. Dr. Eladio Alcides Cardozo
Examinador

Prof. M.Sc. Blás Javier Rotela Acuña
Examinador

Calificación final:

Numero: _____ Letra: _____

Asunción, _____ de _____ 2024.



UNIVERSIDAD DEL SOL

Creada por Ley N° 4263

Aprobada por el Consejo de Universidades por Resolución N° 10/2010

UNIVERSIDAD DEL SOL

DIRECCION DE POST GRADO

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN



"AS PRÁTICAS DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADE E DESAFÍOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA MUNICIPAL PUBLICA DONATILA DA COSTA LIMA DO CAPIBARIBE -PE"

JULIANA GOMES FERREIRA

Orientadora:

Prof. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino

Calificación N° 5 Letras (Cinco)

T.P.: 98 puntos

Aprobada en: 15/11/2024

MIEMBROS MESA EXAMINADORA:

Dr. Eladio Alcides Cardozo



Dra. Shirley Vallejos de Ibars

M.Sc. Blas Javier Rotela Acuña

Refrenda esta Acta:



M.Sc. Blas Javier Rotela Acuña
Secretario General

Asunción, Paraguay

CONSTANCIA DE APROBACIÓN DEL TUTOR

Quién suscribe, **Sra. Marta Lúcia de Souza Celino**, RG n°: 575.998 tutora del trabajo de Investigación titulado *“As práticas de leitura no ambiente escolar: realidade e desafios nos anos iniciais do ensino fundamental, na escola municipal pública Donatila da Costa Lima do Capibaribe-PE”*, elaborado por la estudiante **Juliana Gomes Ferreira**, para obtener el Título de Mestre en Ciencias de la Educación, hace constar que el mismo reúne los requisitos formales y de fondo exigidos por la Universidad del Sol y puede ser sometido a evaluación y presentarse ante los docentes que fueren designados para conformar la Mesa Examinadora.

Asunción, Paraguay, el 20 de septiembre de 2024.

Marta Lúcia de Souza Celino

DERECHO DE AUTOR

Quienes suscriben, **Juliana Gomes Ferreira**, con documento de identidad n°. 6.271.846, autora del trabajo de investigación titulado “*As práticas de leitura no ambiente escolar: realidade e desafios nos anos iniciais do ensino fundamental, na escola municipal pública Donatila da Costa Lima do Capibaribe-PE*”, declara que voluntariamente cede a título gratuito y en forma pura y simple, ilimitada e irrevocablemente a favor de la Universidad del Sol (UNADES) el derecho de autor de contenido patrimonial que como autora les corresponde sobre el trabajo de referencia. Conforme a lo anteriormente expresado, esta cesión otorga a la UNADES la facultad de comunicar la obra, divulgarla, publicarla y reproducirla en soportes analógicos o digitales en la oportunidad que ella así lo estime conveniente. La UNADES deberá indicar que la autoría o creación del trabajo corresponden a mi persona y hará referencia al tutor y a las personas que hayan colaborado en la realización del presente trabajo de investigación.

Asunción, Paraguay, el 20 de septiembre de 2024.

Juliana Gomes Ferreira

Dedico esta tesis a:

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro bem presente na hora da angústia.

Ao meu esposo Fábio pelo apoio e compreensão ao meu objetivo de estudar, aos estímulos recebidos de cada professor que me acompanhou no processo dessa dissertação.

Em especial a Prof^ª. Dra. Marta Lucia de Souza Celino, responsável pelas orientações e organização deste trabalho.

Agradezco a:

A Deus, por ter me dado força e condições para chegar até aqui.

A minha família, pelo apoio e compreensão.

A todos os professores que, durante todo o curso, me auxiliaram de diversas formas, me orientado e servindo de inspiração para que eu pudesse continuar.

Quero estender meus agradecimentos aos colegas de turma que, além dos momentos de estudo, proporcionaram bons momentos de agradável convivência.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

“Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”
(FREIRE, 1996, p. 32).

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1 - Perfil dos professores entrevistados e observados.....	65
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Reconhecimento dos nomes das figuras e a quantidade de sílabas.....	89
Figura 2 - Leitura individual de textos curtos com interpretação textual.....	89
Figura 3 - Leitura acompanhada pela professora de forma individual auxiliando nas possíveis dúvidas.....	90
Figura 4 - Momento de leitura em sala de aula, após haverá apresentação do livro escolhido pelo aluno.....	90
Figura 5 - Apresentação individual do livro didático escolhido pelo aluno.....	91
Figura 6 - Momento de escolhas dos livros, de forma exploratória pelo aluno.....	91
Figura 7 A – Estudante fazendo a leitura ao ar livre.....	92
Figura 7 B – Estudante fazendo a leitura ao ar livre.....	92
Figura 8 – Estudantes apresentando o clube do livro.....	93

ÍNDICE DE SIGLAS

CEI – Centro de Educação Infantil.

EF – Ensino Fundamental.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

FBN – Fundação Biblioteca Nacional.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação.

MEC – Ministério da Educação.

MINC – Ministério da Educação e Cultura.

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PETI – Programa de Erradicação de Trabalho Infantil.

PROLER – Programa de Incentivo à Leitura.

PNE – Plano Nacional de Educação.

PNBE – Programa Nacional da Biblioteca Escolar.

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura.

SME – Secretaria Municipal de Educação.

UNADES – Universidad Del Sol.

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADE E
DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA
MUNICIPAL PÚBLICA DONATILA DA COSTA LIMA DO CAPIBARIBE-PE**

Juliana G. Ferreira

**Dirección de Posgrado
Programa de Maestría en Ciencias de la Educación**

**Universidad Del Sol – Unades.
Asunción - Paraguay. 2024.**

E-mail: juliana_pedagoga2013@hotmail.com

RESUMO

A leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma sociedade que trabalha a autonomia e independência de uma cultura, através da mesma podemos conhecer e explorar infinitas possibilidades, este estudo concentrou-se em investigar como ocorre as práticas de educadores envolvidos no processo ensino-aprendizagem de leitura nos anos iniciais do Ensino fundamental, na Escola Municipal Pública Donatila da Costa Lima de Santa Cruz do Capibaribe-PE. O questionário da pesquisa foi aplicado no primeiro semestre de 2023, com observações posteriores na rotina de ensino, contou com a participação de três professoras do 3º ano do Ensino Fundamental I, visando obter informações das práticas direcionadas a leitura e suas percepções sobre o desenvolvimento e as aptidões apresentadas, em suas práticas diárias, pautadas em um desenvolvimento e acompanhamento direcionado de qualidade. A pesquisa está amparada nas reflexões dos autores Nicolielo (2009), Vilela (2011), Becker (2001), Brasil (1998), Lajolo (1982), Kleiman (1989), Bamberger (2000). A coleta de dados foi realizada através de questionário com perguntas abertas e fechadas e um roteiro de observação pontual. A análise dos dados foi realizada pela Técnica de Análise de Conteúdo, obtivemos alguns posicionamentos acerca da temática debatida, revelando evidências que esclarecem o fato de que os educadores dedicam, em sua maioria, um tempo para a leitura no início de suas atividades em sala de aula e reconhecem que a leitura desempenha diversas funções importantes, tornando-se fundamental para a formação do indivíduo, bem como para o seu enriquecimento do vocabulário o que vem a favorecer suas produções nas escritas. Em linhas gerais, é imprescindível uma postura dos educadores para o incentivo à leitura direcionado e reflexivo, com um planejamento que contemple todos os gêneros textuais, capaz de estimular um aluno leitor, sem esquecer que, antes mesmo de entrar em sala de aula, o professor seja leitor.

Palavras-chave: Práticas de Leitura. Ensino-Aprendizagem. Professor. Formação do leitor.

RESUMEN

La lectura es de fundamental importancia para el desarrollo de una sociedad que trabaja la autonomía y la independencia de una cultura, a través de ella podemos conocer y explorar infinitas posibilidades. Este estudio se centró en investigar cómo se desarrollan las prácticas de los educadores involucrados en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la lectura en los primeros años de la educación primaria, en la Escuela Municipal Pública Donatila da Costa Lima de Santa Cruz do Capibaribe-PE. El cuestionario de la investigación se aplicó en el primer semestre de 2023, con observaciones posteriores en la rutina de enseñanza, y contó con la participación de tres profesoras de 3° curso de la enseñanza primaria, con el objetivo de obtener información sobre las prácticas dirigidas a la lectura y sus percepciones sobre el desarrollo y las aptitudes presentadas en sus prácticas diarias, basadas en un desarrollo y un seguimiento dirigidos y de calidad. La investigación se basa en las reflexiones de los autores Nicolielo (2009), Vilela (2011), Becker (2001), Brasil (1998), Lajolo (1982), Kleiman (1989) y Bamberger (2000). La recopilación de datos se realizó mediante un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas y un guion de observación puntual. El análisis de los datos se llevó a cabo mediante la técnica de análisis de contenido, obtuvimos algunas posiciones sobre el tema debatido, revelando evidencias que aclaran el hecho de que la mayoría de los educadores dedican tiempo a la lectura al comienzo de sus actividades en el aula y reconocen que la lectura desempeña varias funciones importantes, siendo fundamental para la formación del individuo, así como para el enriquecimiento de su vocabulario, lo que favorece sus producciones escritas. En términos generales, es imprescindible que los educadores adopten una postura de fomento de la lectura dirigida y reflexiva, con una planificación que contemple todos los géneros textuales, capaz de estimular al alumno lector, sin olvidar que, incluso antes de entrar en el aula, el profesor debe ser lector.

Palabras clave: Prácticas de lectura. Enseñanza-aprendizaje. Profesor. Formación del lector.

ABSTRACT

Reading is of fundamental importance for the development of a society that promotes autonomy and independence of culture. Through reading, we can discover and explore infinite possibilities. This study focused on investigating the practices of educators involved in the teaching and learning of reading in the early years of primary education at the Donatila da Costa Lima Municipal Public School in Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. The research questionnaire was administered in the first semester of 2023, with subsequent observations in the teaching routine. Three teachers from the 3rd year of primary school participated, with the aim of obtaining information on reading-oriented practices and their perceptions of the development and skills presented in their daily practices, based on quality development and targeted monitoring. The research is supported by the reflections of authors Nicolielo (2009), Vilela (2011), Becker (2001), Brasil (1998), Leola (1982), Kleiman (1989), and Bamberger (2000). Data collection was carried out using a questionnaire with open and closed questions and a specific observation script. Data analysis was performed using Content Analysis Technique, we obtained some positions on the topic under discussion, revealing evidence that clarifies the fact that most educators devote time to reading at the beginning of their classroom activities and recognise that reading performs several important functions, becoming fundamental to the formation of the individual, as well as to the enrichment of their vocabulary, which in turn favours their writing skills. In general terms, it is essential for educators to encourage targeted and reflective reading, with a plan that covers all text genres, capable of stimulating students to read, without forgetting that, even before entering the classroom, teachers must be readers themselves.

Key-Words: Reading Practices. Teaching-Learning. Teacher. Reader training.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	20
1.1 DECLARAÇÃO DO PROBLEMA	21
1.2. PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO	21
1.2.1 Pergunta Geral	21
1.2.2 Perguntas Específicas.....	21
1.3 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	22
1.3.1 Objetivo Geral	22
1.3.2 Objetivos Específicos.....	22
1.4 JUSTIFICATIVA	22
1.5 VIABILIDADE DA PESQUISA	23
1.6 ESQUEMA DO TRABALHO.....	25
CAPÍTULO 2 - MARCO TEÓRICO	27
2.1 BREVE HISTÓRICO DA LEITURA NO BRASIL.....	27
2.2 BRASIL COLÔNIA.....	27
2.3 BRASIL IMPERIAL.....	28
2.4 BRASIL REPUBLICANO	29
2.5 CONCEITO DE LEITURA: AS DIVERSAS INTERPRETAÇÕES	30
2.6 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO	33
2.7 A LEITURA E O PAPEL DA ESCOLA.....	39
2.8 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS	42
2.9 A FORMAÇÃO DO LEITOR	46
2.10 A METODOLOGIA DE ENSINO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR.....	47
2.11 O PAPEL DO PROFESSOR NA ARTE DE FORMAR LEITORES	50
2.12 BIBLIOTECA ESCOLAR E SUA IMPORTÂNCIA	53
2.13 BIBLIOTECA ESCOLAR, UMA ÓTICA GERAL SOBRE O ASSUNTO	54
2.14 AS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS CURRICULARES NACIONAIS	56
2.15 A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA.....	60
CAPÍTULO 3 - MARCO METODOLÓGICO	63
3.1 LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA	64
3.2 PERFIL DOS SUJEITOS.....	65
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	65
3.4 A ANÁLISE DOS DADOS	66
CAPÍTULO 4 - MARCO EMPÍRICO: RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
4.1 ESPAÇOS RESERVADOS PARA A LEITURA	67
4.2 O PLANEJAMENTO.....	68
4.3 AS PRÁTICAS DE LEITURA	69
4.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	70
4.5 A PRÁTICA DE LEITURA COM OS ALUNOS	71
4.6 O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS	71
4.7 O MOMENTO DA LEITURA	73
4.8 O TEMPO DEDICADO.....	73

4.9 O INTERESSE DOS ALUNOS	74
4.10 A LEITURA COMO RECURSO	75
4.11 O PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
RECOMENDAÇÕES.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
APÊNDICES.....	84
APÊNDICE A - Apresentação do questionário as professoras.....	84
APÊNDICE B - Quadro com o roteiro de observação.....	88
APÊNDICE C - Imagens das atividades individuais realizadas.....	89

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Em uma sociedade em que a leitura se faz necessária para as diferentes circunstâncias da vida e da formação social e intelectual dos indivíduos, a escola desempenha uma função de formação de leitores competentes em seu processo de alfabetização, desde a Educação Infantil. Nessa interação, a leitura torna-se uma atividade complexa que favorece o desenvolvimento das crianças, dentro de diversas perspectivas, como a afetiva, a cognitiva, e motora.

Quando analisamos o cenário histórico do nosso país, a partir do período colonial, notamos que as práticas de leitura estavam pautadas na educação regida pelos jesuítas e os livros passaram a ser um importante instrumento de disseminação da língua para a propagação da fé. Por sua vez, no século XIX, durante o Império, com a transferência da Corte para o Brasil, o desenvolvimento da leitura como prática social começou a alavancar a produção de material para ser lido.

Vale destacar que, após a Proclamação da República, a consolidação de instituições necessárias à difusão do material impresso (escolas, bibliotecas, jornais, livrarias e editoras) possibilitou que se constituísse um mercado de edição de livros no Brasil.

Por ser tratar de um ato de comunicação interativa e, portanto, não solitário, a leitura é uma forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação, que deve ser entendida como um processo ativo e dinâmico.

No contexto das séries iniciais do Ensino Fundamental, a leitura deve constituir-se um hábito que esteja imerso na realidade dos sujeitos envolvidos e seja muito mais do que a simples ação de apropriação de significados, seja uma prática social de reconstrução e interação de ideias.

Reconhece também o papel da escola para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e de suas habilidades sociais, por meio da leitura, tornando-se uma fonte perene de educação. Portanto, o acesso a diferentes recursos e oportunidades de leitura, dentro e fora do espaço escolar, no cotidiano familiar, no convívio social e até mesmo o uso mais apropriado de ambientes de leitura, como a biblioteca são práticas que devem estar aliadas ao compromisso do professor em despertar, desde a infância, o hábito leitor consistente, sem desconsiderar o conhecimento prévio do educando.

1.1 DECLARAÇÃO DO PROBLEMA

Diante das razões e dos pressupostos teóricos apresentados, a problemática deste estudo centra-se em *compreender de que maneira se desenvolvem as práticas dos educadores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Donatila da Costa Lima, localizada em Santa Cruz do Capibaribe-PE*. Tal investigação busca compreender como os docentes concebem, planejam e executam ações pedagógicas voltadas à leitura, bem como os desafios enfrentados nesse processo formativo.

1.2 PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

1.2.1 Pergunta Geral

A partir dessa problemática, formulou-se a seguinte pergunta geral de pesquisa.

Como se desenvolvem as práticas pedagógicas dos educadores no processo de ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Donatila da Costa Lima, em Santa Cruz do Capibaribe-PE?

1.2.2 Perguntas Específicas

Desdobram-se dessa questão central as perguntas específicas, que orientam a análise são as seguintes:

- ⇒ *De que maneira o papel da leitura e seus aspectos históricos e formativos influenciam o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais?*
- ⇒ *Como os educadores percebem e estimulam a formação de leitores no contexto escolar?*
- ⇒ *Quais concepções sobre leitura orientam as práticas pedagógicas dos docentes que atuam no primeiro ciclo do Ensino Fundamental?*
- ⇒ *De que modo à formação profissional dos educadores contribui para o desenvolvimento de práticas eficazes voltadas à leitura?*

1.3 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

1.3.1 Objetivo Geral:

Em consonância com essas questões, o estudo tem como objetivo geral investigar como se desenvolvem as práticas dos educadores no processo de ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental da referida instituição.

1.3.2 Objetivos Específicos:

Como objetivos específicos, busca-se:

- I)** Analisar o papel da leitura em seus diversos aspectos históricos e formativos; Identificar a importância do educador e suas estratégias de estímulo à formação de leitores;
- II)** Investigar as percepções dos docentes do primeiro ciclo do Ensino Fundamental acerca da leitura, considerando suas práticas pedagógicas e sua própria formação;
- III)** Compreender de que modo a formação docente influencia as metodologias e práticas de leitura adotadas no contexto escolar.

1.4 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se pela relevância de compreender como se configuram as práticas pedagógicas de leitura desenvolvidas pelos educadores nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que a leitura constitui um dos pilares fundamentais da formação humana e acadêmica. É por meio dela que o sujeito amplia suas possibilidades de compreensão do mundo, aprimora o pensamento crítico e estabelece relações significativas com o conhecimento, com a cultura e com a sociedade.

No contexto da Escola Municipal Donatila da Costa Lima, em Santa Cruz do Capibaribe-PE, torna-se essencial investigar de que modo os professores conduzem o processo de ensino e aprendizagem da leitura, considerando que este representa o ponto de partida para o desenvolvimento das demais competências cognitivas e linguísticas. A leitura, nesse sentido, não se restringe a uma habilidade técnica de decodificação, mas constitui uma prática social, histórica e cultural, que exige mediação, intencionalidade e compromisso pedagógico.

Além disso, esta investigação assume relevância por possibilitar uma reflexão crítica

sobre o papel do educador enquanto mediador na formação de leitores autônomos e críticos, aspecto indispensável à consolidação de uma educação de qualidade, democrática e inclusiva, em consonância com os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996) e com o Plano Nacional de Educação (PNE).

Do ponto de vista teórico e acadêmico, o estudo contribui para o campo da Educação ao promover o diálogo entre as concepções de leitura, formação docente e práticas pedagógicas, oferecendo subsídios para futuras pesquisas e formações voltadas à leitura escolar. Já no âmbito prático e institucional, busca fomentar o aprimoramento das ações pedagógicas e dos programas de formação continuada dos professores da rede municipal, colaborando para o fortalecimento da cultura leitora no ambiente escolar.

Assim, o estudo apresenta pertinência social, pedagógica e científica, pois se propõe a compreender e valorizar as práticas de leitura desenvolvidas pelos educadores, reconhecendo nelas um caminho para a emancipação intelectual e para o exercício pleno da cidadania.

1.5 VIABILIDADE DA PESQUISA

A viabilidade desta pesquisa apoia-se na pertinência teórica, pedagógica e social do tema, bem como na disponibilidade de fontes, sujeitos e referenciais normativos que permitem sua realização de forma consistente. O estudo é exequível tanto do ponto de vista metodológico quanto institucional, pois foi desenvolvido no ambiente escolar - espaço legítimo de formação leitora e campo fértil para a investigação das práticas docentes.

A leitura, enquanto prática social, constitui um dos eixos estruturantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017)¹, que a reconhece como competência essencial para o desenvolvimento integral do estudante. Nesse sentido, compreender como os educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental conduzem o processo de ensino e aprendizagem da leitura torna-se fundamental para avaliar a efetividade das políticas públicas e das práticas pedagógicas adotadas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996) e o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014) reforçam o compromisso do Estado e das instituições de ensino com a formação de leitores críticos e com o fortalecimento da cultura escrita. Esses marcos legais orientam as escolas a promoverem práticas de leitura que

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, define as aprendizagens essenciais que todos os estudantes da Educação Básica devem desenvolver, orientando os currículos, as práticas pedagógicas e a avaliação em todo o território nacional.

extrapolem a mera decodificação e incentivem o desenvolvimento da compreensão, da interpretação e da autoria discursiva, em consonância com o princípio da educação como direito humano e social.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa encontra sustentação em Paulo Freire (1994, 2002), que defende a leitura do mundo como condição prévia para a leitura da palavra, entendendo o ato de ler como uma prática libertadora e dialógica. Essa perspectiva é complementada por Vygotsky (1987), ao enfatizar a importância da mediação social e da linguagem na construção do conhecimento, e por Bakhtin (1992), que compreende a leitura como um ato de interação discursiva entre o leitor e o texto.

Autores como Marisa Lajolo (1988) e Ângela Kleiman (1989) também oferecem fundamentos relevantes ao abordarem a leitura como um processo cognitivo e estratégico, que exige planejamento e mediação pedagógica. Essas contribuições teóricas reforçam que o ensino da leitura não pode restringir-se à técnica, mas deve promover o desenvolvimento da autonomia leitora e do pensamento crítico-reflexivo.

Além da base legal e teórica, a pesquisa é viável por dispor de acesso à instituição escolar, ao corpo docente participante e aos instrumentos adequados de coleta e análise de dados, como o questionário semiestruturado e a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Tais procedimentos garantem a validade científica e a profundidade interpretativa do estudo, assegurando que os resultados possam contribuir para a melhoria das práticas de leitura e da formação docente.

Portanto, a investigação revela-se viável e necessária, pois dialoga com as demandas atuais da educação brasileira, com os desafios da formação de leitores nos primeiros anos escolares e com o compromisso ético e político da escola pública em promover uma educação emancipadora e transformadora. O estudo, ao valorizar a leitura como instrumento de construção de sentido, identidade e cidadania, reafirma sua importância para toda a comunidade leitora e educativa.

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e explicativa, buscando compreender em profundidade os fenômenos relacionados às práticas pedagógicas de leitura no contexto escolar. Para a sistematização teórica da pesquisa, adotaram-se procedimentos de natureza bibliográfica, fundamentados em autores que discutem a leitura, a formação de leitores e o papel mediador do educador.

No que se refere à coleta de dados empíricos, utilizou-se um questionário semiestruturado aplicado aos profissionais que compuseram a amostra, permitindo a obtenção de informações acerca das concepções e práticas docentes voltadas ao ensino da leitura. A

análise dos dados foi conduzida com base na Técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2011), a qual possibilitou a categorização, descrição, interpretação e síntese dos elementos mais significativos emergentes do corpus da pesquisa.

Essa escolha metodológica tem por finalidade não apenas identificar regularidades, padrões e significados presentes nos discursos dos participantes, mas também compreender os sentidos e intencionalidades atribuídos pelos educadores às suas práticas pedagógicas.

Tal abordagem possibilita uma análise interpretativa e crítica das experiências docentes, revelando como concepções, saberes e vivências formativas influenciam o modo como a leitura é ensinada e valorizada no cotidiano escolar.

Dessa forma, o estudo contribui para uma reflexão aprofundada sobre os processos de ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando o papel do professor como mediador e formador de leitores críticos e autônomos.

1.6 ESQUEMA DE TRABALHO

A dissertação está organizada em 4 (quatro) capítulos: Capítulo 1: Introdução. Capítulo 2: Marco teórico. Capítulo 3: Marco metodológico. Capítulo 4: Marco de resultados e discussão.

Capítulo 1: Introdução – campo onde o pesquisador declara o problema de pesquisa, as perguntas de investigação, os objetivos da pesquisa, as justificativas, as viabilidades e o esquema de trabalho, sua composição textual.

Capítulo 2: Marco teórico – espaço reservado onde à pesquisadora dialoga com os autores e faz o discurso alinhado com a sua temática. Nesse caso, a autora dialogou com um breve histórico da leitura no Brasil, conceitos e suas diversas interpretações, a leitura em seus contextos-chave: formação do leitor, papel da escola, leitores críticos, metodologia de ensino, a arte de ler, a leitura e a biblioteca e suas diversas maneiras de atendimento ao público leitor. Neste capítulo podemos encontrar uma abordagem como se iniciou o processo de leitura no Brasil e seus desdobramentos, fundamentada nas obras de Nicolielo (2009), Hansen (2002), Lajolo e Zilberman (1985), Vilela (2011), Cagliari (2004), Solé (1998), Kleiman (1989), Martins (2006), Coelho (1987).

Capítulo 3: Marco metodológico – campo onde se estabelece o melhor caminho a ser desenhado para a pesquisa indo desde os trâmites iniciais da pesquisa até a sua finalização. Ainda assim, se descreve o lócus e os sujeitos da pesquisa, os perfis, a coleta de dados e seu real tratamento bem como sua análise para compor o capítulo seguinte que é o campo de resultados.

Nesse capítulo buscamos compreender a combinação de teorias e práticas no dia a dia da escola investigada, tendo como fundamento as obras de Minayo (1993), Ludke e André (1986), Vergara (1998), Maanem (1979), Moresi (2003), Bardin (1979).

Capítulo 4: Marco de resultados e discussão - momento em que a pesquisadora começa a descrever as discussões colhidas no campo do in lócus. Nesse espaço se revera o direito de trilhar a recolha dos dados de forma já estabelecida no capítulo anterior. É o espaço escolhido para dialogar com as informações colhidas e os autores que contribuíram para a pesquisa.

Ainda assim, são apresentados os resultados e as discussões pertinentes, correlacionando a teoria visitada e as informações que emergiram do campo de pesquisa fundamentado nas obras de Bertolin (2006), Brasil (2001), Peletti (1989), Padilha (2001), Rosa (2012) e Brandão (2001).

Por fim, as considerações finais e as recomendações como sendo o real momento de ponderar os achados e estabelecer um diálogo claro, coeso e flexível do teor e forma de cumprimento de tudo o que se estabeleceu na introdução. Além disso, a autora faz recomendações breves a respeito de sua pesquisa para os futuros pesquisadores neste mesmo campo de análise e diagnóstico.

CAPÍTULO 2 - MARCO TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA LEITURA NO BRASIL

Em uma sociedade em que a leitura se faz necessária para as diferentes circunstâncias da vida e da formação intelectual dos indivíduos, a escola desempenha uma função de formação de leitores competentes em seu processo de alfabetização, desde a Educação Infantil. Nessa interação, a leitura torna-se uma atividade complexa que favorece o desenvolvimento das crianças, dentro de diversas perspectivas, como a afetiva, a cognitiva, a motora.

Ao analisar o cenário histórico do Brasil, a partir do período colonial, notamos que as práticas de leitura estavam pautadas na educação regida pelos jesuítas e os livros passaram a ser um importante instrumento de disseminação da língua para a propagação da fé. Por sua vez, no século XIX, durante o Império, com a transferência da Corte para o Brasil, o desenvolvimento da leitura como prática social começou a alavancar a produção de material para ser lido. Vale destacar que, após a Proclamação da República, a consolidação de instituições necessárias à difusão do material impresso (escolas, bibliotecas, jornais, livrarias e editoras) possibilitou que se constituísse um mercado de edição de livros no Brasil.

2.2 BRASIL COLÔNIA

A história da educação brasileira, pós-descobrimto, começa com a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549. Na análise de Nicolielo (2009), estes religiosos da Companhia de Jesus chegam ao Brasil com o objetivo de converter os índios ao Cristianismo. São peças fundamentais no processo de aculturação imposto por Portugal na colonização do Brasil e, no ensejo de propagar a fé católica, também ensinam aos nativos saberes básicos, como ler e contar.

No entanto, a educação dos índios começava a ficar cada vez mais cara. Era preciso vesti-los, alimentá-los e comprar remédios. Para se manterem economicamente, os jesuítas tiveram de assumir também a educação dos colonos. A proposta partiu da Coroa Portuguesa, que responsabilizou os jesuítas pela criação dos colégios, sendo que o primeiro foi criado na Bahia, em 1564. Os meninos frequentavam a escola em um turno, em que lhes era repassada a instrução moral e religiosa, as artes de ler, escrever e contar, bem como os elementos de pesos e medidas nacionais. Já, as meninas frequentavam a escola em outro turno e tinham cursos de costura, bordado e outros conhecimentos que auxiliassem a economia doméstica.

Hansen (2002), ao tratar sobre práticas de leitura no Brasil colonial, considera como raríssimas as evidências coloniais de leitores e de leituras de diferentes mediações sociais. Para o autor, basta lembrar que a possibilidade não só de saber escrever, mas também de saber ler estava restrita a letra dos que ocupavam lugares institucionais da hierarquia, nos aparelhos administrativos, burocráticos e clericais.

Em função de radicais diferenças de objetivos entre os jesuítas e os interesses da Corte, esses foram expulsos das colônias. Enquanto os jesuítas preocupavam-se com o proselitismo e o noviciado, os governantes pensavam em reerguer Portugal da decadência que se encontrava diante de outras potências europeias da época. A educação jesuítica não convinha aos interesses comerciais e, enquanto as escolas da Companhia de Jesus tinham por objetivo servir aos interesses da fé, era necessário organizar a escola para servir aos interesses do Estado.

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, permitiu um novo rumo ao projeto educacional, porque, como destacam Lajolo & Zilberman (1985):

Até a chegada de D. João VI, em 1808, o suporte editorial (e até mesmo tipográfico) necessário para o assentamento de um sistema literário era, mais do que precário, inexistente. Decorre muito tempo, até que tipografias, editoras, bibliotecas e livrarias tornem o livro um objeto não tão raro, ao menos nos centros urbanos mais importantes (p. 26).

Para atender às necessidades da nova capital e centro do Império Português, D. João VI fundou a Academia Militar (atual Academia Militar das Agulhas Negras), criou duas escolas de Medicina – uma no Rio de Janeiro e outra em Salvador, transferiu a Biblioteca Real para cá (atual Biblioteca Nacional), criou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e a Imprensa Régia (primeira imprensa oficial que criou o primeiro jornal impresso do Brasil).

2.3 BRASIL IMPERIAL

D. João VI volta a Portugal em 1821 e, no ano seguinte, seu filho, D. Pedro I proclama a Independência do Brasil. Em 1824, é outorgada a primeira Constituição brasileira na qual constava que a “instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Conforme Vilela (2011), para tentar suprir a falta de professores nesse período, institui-se o Método Lancaster, pelo qual um aluno treinado ensinava a um grupo de 10 alunos, sob a vigilância de um inspetor. Em 1826, um Decreto institui quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias. Em 1827, um projeto de lei propõe a criação de Pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na seleção de professores

para nomeação, e estabelecer ainda a abertura de escolas para meninas.

Na análise de Lajolo e Zilberman (2003), por todo o Império pouco se fez pela educação brasileira e muitos reclamavam de sua qualidade ruim. No início do século XIX, a modernidade avança na esteira da Revolução Industrial, na Inglaterra e França, enquanto o Brasil vegeta intelectualmente, carente de imprensa e livrarias.

Até o final do século XIX, mais de 70% da população brasileira era analfabeta. Segundo Lajolo (2002), os anos vizinhos da Proclamação da República foram marcados por discussões sobre educação, sendo a alfabetização e a difusão da leitura bandeiras de todos os movimentos que, então, agitavam a cena política brasileira.

2.4 BRASIL REPUBLICANO

A República proclamada adotou o modelo político dos Estados Unidos baseado no sistema presidencialista. Para Vilela (2011), a organização escolar foi feita sob influência da filosofia positivista, cujos princípios orientadores eram na liberdade e laicidade do ensino, como também a gratuidade da escola primária. Estes princípios seguiam a orientação do que estava estipulado na Constituição brasileira. Uma das intenções desta reforma era transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores e outra intenção era substituir a predominância literária pela científica.

Segundo Becker (2001), o período de 1920 a 1945 é considerado como uma época de efervescência política, intelectual e artística que atingiu a educação. A realidade era de um sistema escolar elementar fragilizado, com altos índices de analfabetismo. Nesse cenário, é criada a Escola Nova, que motivou uma série de reformas, enfatizando a necessidade de uma escola primária integral que atendesse ao desenvolvimento e à escolarização em massa do povo. Ao mesmo tempo em que se propunha um ensino intelectual, em que, pela observação e pelo raciocínio, fosse possível o reconhecimento dos ideais e das conquistas da humanidade, também se buscava um ensino pragmático, que preparasse o educando pelo desenvolvimento de trabalhos práticos e pela atuação em atividades desportivas.

Em 1934, a nova Constituição (a segunda da República) dispõe, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos poderes públicos. Uma nova constituição é outorgada em 1937, na qual fica explícita a orientação político-educacional para o mundo capitalista, sugerindo a preparação de um maior contingente de mão-de-obra para as novas atividades abertas pelo mercado, mantendo ainda a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário.

Aranha (1989) considera de extrema importância profissionalizar a massa trabalhadora precocemente (no ensino secundário) devido à realidade socioeconômica em que se inseria o país naquele momento, realidade já neste estudo. A partir de orientações como essa citada pelo autor, surgiram o SENAI (1942) e o SENAC (1946), visando qualificar a mão-de-obra para a indústria e o comércio/prestação de serviços, respectivamente.

Depois de 13 anos de discussões, foi promulgada, em 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases, seguida por outra versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996, que define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição Federal de 1988, que dispõe acerca da educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Busca-se, dessa forma, a democratização da escola, a integração entre escola e comunidade, o diálogo entre professores e alunos, conteúdos, métodos e recursos apropriados e a adoção de uma nova filosofia da educação, como condições indispensáveis à superação dos graves problemas da educação brasileira.

2.5 CONCEITO DE LEITURA: AS DIVERSAS INTERPRETAÇÕES

A leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo disposições atitudinais e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Abrange, pois, desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização “stricto sensu” até capacidades que habilitam o estudante à participação ativa nas práticas sociais letradas que contribuem para o seu letramento.

No passado, ler era decifrar códigos, atualmente este conceito ultrapassado mudou e a leitura passou a ser vista como um processo de interação entre autor, texto e leitor. A concepção de leitura que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p.69).

Como notamos, a necessidade do homem em se comunicar graficamente com seu semelhante foi evoluindo gradativamente. A especialização e o aprofundamento das ciências,

em torno do universo humano, deram lugar de destaque às atividades gráficas, já que tornara impossível transmitir todos os conhecimentos através da fala. Sendo assim, aprender a ler e a escrever deixou de ser privilégio dos mais abastados para se tornar uma preocupação de todos os governos, pois se transformou num termômetro de desenvolvimento social. Dessa forma, leitura e escrita são imanentes à própria história da civilização e a sua criação provê outras disponibilidades.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, o rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p. 59).

Nas duas concepções de leitura, tanto dos PCNs (1998) como de Lajolo (1999), os valores enfatizados para o processo educacional são semelhantes. Nelas, a leitura deixa de ser vista como algo mecânico e passa a exigir processos de interlocução entre leitor-autor mediada pelo texto. A interlocução é uma característica própria da linguagem. Sempre quando se fala ou se escreve há um interlocutor e, vale ressaltar que, essa visão de relação entre emissor e receptor na comunicação não é mecânica, mas interativa.

Cagliari (2004) lembra em sua obra que ler é uma atividade muito complicada e que a leitura é a realização da finalidade da escrita. O autor fala ainda que, apesar da complexidade, a leitura tem grande importância na vida do indivíduo, visto que a maioria dos problemas enfrentados pelos alunos desde criança até o nível superior está relacionada às dificuldades de leitura.

A leitura tem uma grande responsabilidade na formação para a vida, ela faz amadurecer as ideias, faz o indivíduo ter mais condições de raciocinar perante uma situação problemática que a vida reserva. Ela é a chave que permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação. Coelho (2002) ainda reforça dizendo que a leitura é condição básica do ser humano no sentido de compreensão do mundo.

Um leitor competente é alguém que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas e que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades. Então, observa-se que a capacidade para aprender está ligada ao contexto pessoal do sujeito. Desta maneira, Lajolo (2002) afirma que cada leitor, por exemplo, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo, com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro.

Solé (1998, p. 42) aponta que a “leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”, de tal modo que o leitor é quem constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado; felizmente para os leitores, essa condição costuma ser respeitada, isto é, o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.

Para Cagliari (2009, p. 132), a leitura “é uma atividade profundamente individualizada e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico”, visto que se trata de uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Através do ato de ler, o homem interage com outros homens por meio da palavra escrita. O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto e a palavra escrita ganha significado a partir da ação do leitor sobre ela.

Vale ainda dizer que a leitura corresponde a um processo de compreensão de mundo, que envolve características essenciais singulares do homem, levando à sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor.

Para Kleiman (1989, p. 10), a “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até o leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois, decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto.

Silva (2003) faz uma referência à leitura como sendo um elemento fundamental para adquirir o saber. A leitura é um componente da educação e a educação, sendo um processo, aponta para a necessidade de buscas constantes de conhecimento. Portanto, a leitura está associada ao aprendizado e, por meio dela, é possível adquirir conhecimentos. É uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a outro tipo de leitura de mundo. Para Brandão (1997, p. 22), “ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão”.

Bamberger (2000) identifica a leitura como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto, sendo também uma forma exemplar de aprendizagem, um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e

da personalidade.

Cabe aqui ressaltar que, com base em Aguiar (1998), a criança deve descobrir o prazer pela leitura muito antes de aprender a ler e os livros destinados ao universo infantil podem apresentar os mais variados temas e assuntos. Dotada de um conhecimento de mundo bem amplo, a criança, ao chegar à escola, deve ser levada a sistematizar esses dados, de tal maneira que as propostas pedagógicas atendam às necessidades específicas em relação à aquisição da leitura convencional. Portanto, as abordagens de leitura devem ser adaptadas à compreensão do leitor e significativas à sua realidade, para a reflexão de determinados problemas existentes na sociedade e o desenvolvimento da criticidade na criança.

Em suma, a leitura se constitui como um grande problema social da atualidade. Docentes e educadores, conscientes desta realidade, se deparam com a falta de instrumentos pedagógicos ou psicopedagógicos nas avaliações de leitura, que, muitas vezes, necessitam dar resultados concretos e com caráter mais científico e, principalmente terem presentes os níveis de aquisições atingidas, como indicativos para a formulação de novas estratégias, utilizando-se de diversificados recursos e técnicas para a evolução nos processos de aprendizagem.

2.6 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

A escola exerce um papel fundamental na sociedade e envolve muitas pessoas, por isso deve existir uma preocupação sobre informações no sentido de que a leitura necessariamente produz conhecimento amplo que ultrapassa caminhos em busca de novos saberes. Então, ler é informar-se, permitindo o uso de ferramentas de melhor qualidade encontrada para o aperfeiçoamento do leitor, capaz de superar as dificuldades individuais e sociais encontradas.

Segundo Luckesi (1991, p. 125), “a prática da leitura é imprescindível ao homem e aos povos, sem ela não haveria progresso, acumulação de conhecimentos, transmissão e evolução do saber, registros da memória dos homens”. Nesse sentido um povo que não lê é um povo isolado do processo da história; isolado das conquistas já realizadas por outros povos desde o início dos tempos, isolado das raízes e origens de sua própria realidade histórica e cultural e, por isso mesmo, impossibilitado de conhecer mais profundamente seu presente, a razão mais profunda de seus problemas sociais e, conseqüentemente, de resolvê-los, constituindo para si e para os outros um mundo melhor.

O livro é um instrumento de destruição da alienação, e permite levar o indivíduo a adquirir conhecimentos e reflexão sobre o meio no qual está inserido. A leitura faz parte do desenvolvimento do indivíduo, desenvolvendo a imaginação; amplia conhecimentos, enobrece

o seu vocabulário; enfim, e um suporte para o aprendizado e para a compreensão de todas as ciências. Ler é uma ação de todos os sentidos. O leitor que compreende o que ler tem a habilidade de aprender a ler também o que não está escrito, despertando o pensamento crítico e não, simplesmente, a leitura memorizada. Ler não é apenas passar os olhos nas palavras realizando a decodificação, porque é muito mais do que isso, é questionar, mudar e dar sua parcela de contribuição para poder transformar a realidade social existente.

No ponto de vista de Freire (1994, p.16) a “leitura da realidade precede a leitura da palavra”. Aprendemos a ler o mundo antes mesmo de decodificar os sinais gráficos das letras. Por isso que ler o mundo é tão importante quanto ler a palavra, pois um não está dissociado do outro. São dois momentos que se comunicam no ato de pensar, pois existe uma relação mútua entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, entre a linguagem e a realidade, entre o texto e o contexto.

Diante de tantas expectativas criadas acerca da leitura, é compreensível que, no mundo moderno, o indivíduo encontre dificuldades na definição da importância da leitura na sua vida, uma vez que, atualmente, é bombardeado por uma rotina que gira em torno do capital e da praticidade. Podemos citar, como exemplo, a internet e outros tipos de mídias que oferecem ao indivíduo um conhecimento fragmentado, bastante distanciado da totalidade de informações.

Sendo assim, podemos observar que as novas tecnologias manipulam a compreensão e interpretação das informações apresentadas ao indivíduo, provocando no leitor uma atitude passiva e tão somente receptiva das verdades expostas, o que acaba por comprometer seus critérios de julgamentos acerca de todas as formas de leitura. Tal movimento acaba por interferir na dinâmica social, na qual torna-se crescente a ausência da dialogicidade e do hábito da leitura, já que cada indivíduo acaba criando seu próprio universo. Questões relacionadas aos fatores econômicos e sociais comprometem a integração no tocante à partilha de experiências referente à leitura, ficando como algo a cargo apenas da escola.

As pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimentos. É claro que a experiência da vida não se reduz à leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas pessoas analfabetas conseguem às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de serem pessoas vazias. Têm a riqueza externa, sabem se virar na sociedade, mas são pobres culturalmente, porque só a experiência da vida, por mais rica que possa ser não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral (CAGLIARI (2009, p. 132).

Portanto, a leitura não constitui um ato somente pedagógico, mas principalmente social e produtivo. Quando o indivíduo lê, busca motivos para aprimorar a própria qualidade de vida através de conquistas individuais e coletivas na sociedade. É o conhecimento adquirido

que oferecerá o suporte para as transformações, por meio das ideias construídas.

Ler passa a representar, portanto, a afirmação do sujeito de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete. É esse reconhecimento do valor e mérito das subjetividades e das comunidades interpretativas que alicerça a relação com a cidadania (COSTA, 2006, p. 124).

Faz-se necessário tornar a leitura um ato coletivamente satisfatório, onde o indivíduo encontre respaldo na construção de sua cidadania, tendo a liberdade de elaborar, de forma crítica e orientada, o processo de leitura do seu mundo com relação a textos significativos importantes para a produção de pensamentos e saberes, princípios ao desenvolvimento de seu papel como cidadão autêntico e original.

Sem dúvida nenhuma, ler textos escritos é fundamental para inserção do indivíduo no mundo letrado. Porém, quando nos referimos à leitura não nos limitamos apenas a essa prática, mas a uma análise mais profunda e apurada de todos os sinais e circunstâncias presentes em nosso mundo. Quando o indivíduo é despertado de fato para a leitura, o mundo para ele passa a ter novo significado, renascendo um novo modo de ver, compreender e interpretar significados, adquirido por meio do exercício da leitura, não apenas didática, mas socialmente.

De acordo com Martins (2006, p.30), “[...] a leitura como processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”, estabelece que a sua proposta deverá manter uma relação histórica consigo mesma, onde descobrirá a concepção e a importância para a vida social.

Dependendo da forma como essa leitura for realizada, ela poderá deixar marcas positivas ou negativas que levarão o indivíduo a se remeter ao passado, resgatando impressões e sentimentos de sua vivência pessoal e sua atuação social, que poderão ou não enriquecer o processo de motivação pela leitura.

Outro aspecto indispensável é afirmar que a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo (SILVA, 1991). É, sobretudo, uma forma de introduzir os indivíduos não só no contexto em que estão inseridos, mas nas discussões e troca de ideias que ocorrem no país e no mundo. Com esse tipo de leitura, os indivíduos têm a oportunidade de confrontar diferentes pontos de vista dos assuntos discutidos no âmbito social. Essa prática de leitura aproxima os indivíduos e também ajuda a formar leitores assíduos e interessados pelos fatores sociais.

Analisar a realidade contemporânea é questionar o verdadeiro sentido da leitura em uma sociedade invadida por informações prontas oferecidas pelas mídias, comprometendo a

interpretação que fazemos dessas informações apresentadas, cujos sentidos através das imagens captam o fascínio passivo de todos.

A leitura é parte fundamental de um mundo letrado e auxilia no desenvolver da personalidade das pessoas. Por essa e outras razões, que se faz necessário o indivíduo criar o hábito de ler.

A leitura também contribui para a formação de ser humano, uma vez que oferece assuntos para a reflexão e experiência que possibilitam o despertar das emoções e estabelecimentos de parâmetros, desencadeando a auto compreensão e a compreensão do mundo (SOUZA, 1998, p. 17).

A leitura e a escrita têm sido consideradas comandos básicos de um ser humano comum aos outros, como forma principal de comunicação e sobrevivência. Em épocas antigas, estes dois meios de comunicação eram vistos apenas como prestígio, riqueza, porém, em dias atuais, são essenciais e não podem ser desprezados, para se ter uma sociedade solidária e justa. Por isso, de insistir na importância do ato de ler, na democratização do acesso aos bens de cultura que se articulam com a leitura e na constituição de um leitor capaz de evitar e perceber as armadilhas do texto.

Somente através da leitura crítica e interpretativa de diferentes textos e linguagem, o indivíduo torna-se capaz de exercer plenamente sua cidadania, pois quem lê, interpreta e questiona, estabelece um julgamento do que se pode e do que se deve fazer. Na visão de Freire (2002), somente uma educação verdadeira pode estimular o desenvolvimento e a necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade:

Transformar o mundo por meio de seu trabalho, “dizer” o mundo, expressá-lo e expressar-se são próprios dos seres humanos. Esse processo se dá através do domínio da linguagem oral e escrita que se constitui uma das dimensões do processo da expressividade. (SANTIAGO apud FREIRE, 2002, p. 27).

A leitura tem uma grande responsabilidade na formação para a vida, pois faz amadurecer as ideias, faz o indivíduo ter mais condições de raciocinar perante uma situação problemática que a vida reserva. É a chave que permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação. Deste modo, percebemos que a palavra escrita transporta o indivíduo para as mais variadas realidades, ao descobrir pessoas e ideias novas e, ao mesmo tempo, adentrar em um mundo simbólico, abstrato, em um cotidiano repleto de reflexos.

A leitura, iniciada com a história pela decifração de imagens deixadas pelos primitivos, muitas vezes, ainda é vista somente como decodificação de signos linguísticos, mas sua importância tem sido evidenciada com o passar do tempo. Apresentar um conceito

sobre leitura torna-se uma difícil questão porque ela se manifesta de diversas formas, por meio de imagens, sons, sentimentos e emoções e pela própria vivência do homem em seu cotidiano.

As funções da leitura, a sua relação direta com a existência do ser, delinea-se claramente a importância da formação do gosto pela leitura, para que a sociedade tenha nos seus indivíduos sujeitos da sua história, homens que façam cultura e que impulsionem a transformação, fundamentados em princípios humanos de liberdade e solidariedade (Souza 1993, p. 19).

Por isso, a leitura deve ser algo diversificado, agradável, um instrumento cultural, de comunicação e de expressão. Deve trazer descobertas e ser uma maneira de obtenção de conhecimentos, para que o ser humano possa se inter-relacionar e, além disso, modificar sua visão do mundo e sua posição como ser social contribuindo para desenvolver a cidadania.

Quando se considera a leitura como instrumento de instrução, conhecimento, lazer e enriquecimento talvez um conceito especificamente científico seja desnecessário porque um valor imensamente maior é adquirido. Portanto, é conveniente ressaltar que neste trabalho explana-se com mais ênfase a leitura do impresso, que vai além da decodificação de sinais gráficos, transformando-se numa prática para que se obtenha maior facilidade no aprendizado, interpretação e incremento de vocabulários, servindo também com forma de entretenimento e lazer. “A leitura tem que deixar de integrar-se na categoria de bem de consumo e reencontrar ou reinventar seu estatuto de prazer, de artesanato, de contato profundo, livre, pessoal e desembaraçado entre leitor e texto”. (HOFFMANN 1996, p. 16). É preciso “reencontrar ou reinventar seu estatuto de prazer, de artesanato, de contato profundo, livre, pessoal e desembaraçado entre leitor e texto”, pois é nesse reencontro que a leitura cumpre seu verdadeiro papel educativo: o de estimular o pensamento crítico, ampliar horizontes culturais e fortalecer o vínculo afetivo entre o sujeito e o conhecimento.

A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras, quando os pais através de canções de ninar ou de contação de histórias, estimulam a criança a gostar de ler. O fascínio pelas letras, sílabas e palavras que habitam o livro aguça a curiosidade, fazendo com que os pequeninos desejem desvendar o misterioso segredo da leitura, e seu encantamento vai além das lindas e coloridas gravuras.

Yunes (1984, p.21) diz que “[...] o hábito de leitura se inicia antes que a criança aprenda a ler: neste paradoxo se registra a decisiva influência do contar/ouvir histórias, para uma relação satisfatória com o universo da ficção”. Por isso, as histórias contadas, os livros lidos a uma criança formam a base do seu interesse em aprender a ler, pois desenvolve o seu imaginário como também o gosto pelos livros. Mais tarde, ao entrar para a escola, no processo

de aprendizagem da leitura, a criança descobrirá tudo o que os livros tendem a lhe oferecer e dessa forma aumenta o gosto pela leitura.

A leitura iniciada na infância, período concedido à apropriação das primeiras letras, é importante pois “no princípio de sua vida, a criança vê o livro como um brinquedo e não menos interessante do que os outros. Alguma coisa de mágico e encantador envolve o decifrar do desenho das palavras e a criança ama decifrar esses mistérios” (CUNHA, 1989, p. 50).

A literatura infantil é fundamental para o ensino da leitura. O interesse pelo enredo, pelos personagens, pelas ilustrações e a associação do livro com apropriada realidade da criança, tornam-no mais interessante para ela, aguçando sua curiosidade ao lê-lo ou ao ouvir mais atentamente quando alguém o lê.

Para incentivar a leitura nos pequeninos, é necessário obedecer a alguns critérios, como, satisfazer os anseios e interesses nas várias fases de desenvolvimento da criança e ir ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais forem se modificando.

Coelho (1987, p.14) afirma para que o convívio de leitor com a literatura resulte efetivo, (é isso mesmo) nessa aventura espiritual, que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes, está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil. Portanto, o ato de ler deve ser motivado como uma forma de desprendimento, e não de cumprimento de obrigações. Assim, a leitura tem de ser demonstrada e encarada como prática agradável, ferramenta de prazer, enriquecimento sociocultural e aprendizagem.

No espaço escolar, professores e bibliotecários serão os responsáveis em desenvolver ações que estimulem o prazer pela leitura e pelos livros, para que assim cativem na criança o prazer de ler. A criança deve perceber o encanto dos adultos pelos livros para que se sinta encantada também. Por isso, um problema a se repensar é quanto à reestruturação do cotidiano escolar, do saber que ali se constrói, seja na seleção de informações, na comunicação entre educadores e nas suas especializações. Essas colocações na verdade retratam uma realidade que se vive na escola que sempre atribui seu fracasso à falta de livros, de recursos, de métodos de ensino entre outros fatores.

Portanto, o problema não está somente nos meios, mas na essência do que se ensina. E não é através de imposições que se deve ensinar a ler, mas sim mostrando-se às crianças o encantamento que o livro proporciona para que sejam garantidas as chances de se tornarem adultos íntimos do livro por toda a vida. Algumas atividades de incentivo à leitura como a contação de histórias, sarau de poesias, dramatizações, rodas de leitura, jogos, brincadeiras

possibilitam a interação da criança com o livro e proporcionam o prazer de ler.

2.7 A LEITURA E O PAPEL DA ESCOLA

A leitura colabora significativamente para alimentar a imaginação dos alunos, estimulando-os para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem a si mesmo, o mundo e todos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, críticas e criativas.

Sendo a base para aquisição de uma cultura geral, a leitura torna-se, portanto, o alicerce da aprendizagem escolar. Depois da fala, a escrita é um dos principais instrumentos do processo de comunicação e expressão, e, ao utilizar-se da linguagem escrita, o homem pode comunicar suas ideias ou simplesmente exteriorizar suas emoções e seus pensamentos.

Mesmo que em uma dimensão ilusória e imaginária, a leitura pode se transformar em um objeto lúdico de diversão, que proporciona prazer e é capaz de oportunizar a satisfação de desejos “irrealizáveis”. O exercício da curiosidade e do espírito aventureiro torna-se necessário para enriquecer a vida e tornar o ser humano saudável.

No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo pessoas que vivem nas cidades, precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números, nomes, etiquetas, documentos etc (CAGLIARI, 2009, p. 147).

A leitura empregada como fonte de informações cria e amplia o repertório já existente dos alunos com diferentes gêneros textuais, autores e recursos da linguagem escrita. A leitura, sobretudo, pode considerar princípios e orientações didáticas, sendo relevante organizar as propostas para que os alunos ingressem no universo literário desejado.

Inúmeros são os princípios básicos observados que facilitam o trabalho com as práticas da linguagem e que proporcionam o enriquecimento pessoal, entre os quais estão: a) diversidade: deve-se variar e diversificar os textos, as leituras, os usos dos textos, os grupos, as situações propostas, os desafios e as dinâmicas de trabalho a serem adotadas; b) continuidade: é preciso sustentar e manter, no tempo, as propostas didáticas, dando sequência a cada uma, desenvolvendo e realizando um fechamento ao que foi iniciado; c) simultaneidade: é necessário que coexistam diferentes modalidades e propostas num mesmo período (dia, semana ou numa mesma hora); d) assiduidade: é preciso que, diariamente, as mesmas práticas sejam realizadas, mas sempre ampliando e diversificando, para que cada vez se volte mais

enriquecido; e) progressão: é relevante que seja garantido ao aluno a possibilidade de seguir adiante com o que construiu na etapa anterior, apresentando avanços progressivos.

Nesse sentido, compreende-se que, para a realização de uma prática de ensino de leitura produtiva, o professor deve assumir o papel de mediador do processo de aprendizagem de leituras diversas, tendo em foco a proposição de atividades que levam o sujeito a pensar, a agir, a fazer inferências, a apropriar-se de sentidos a partir de contextos linguísticos, históricos e situacionais e que remeta ao desenvolvimento da capacidade de ampliação de seu conhecimento de mundo.

O que é considerado matéria de leitura na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja da espécie que for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem (MARTINS, 1994, p. 28).

Portanto, faz-se necessário disponibilizar na sala de aula muitas oportunidades para envolver a leitura e, adequar procedimentos já utilizados pelos bons leitores. Quanto à seleção de textos, deve-se ter a preocupação de garantir às crianças a oportunidade de observar como os já leitores utilizam esses recursos de leitura. Além disso, deverá haver outra preocupação, a de que as crianças possam participar de atos de leitura, a partir do planejamento de atividades bem planejadas.

É de suma importância que o professor explore essa diversidade do mundo da leitura em todos os anos escolares e que seja prioridade no ensino com o propósito de melhoria na reflexão, compreensão e capacidade de ser um bom leitor. A leitura significativa e contextualizada, que leva em conta as experiências do estudante, enquanto participante do processo de aprendizagem, contribui muito para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura, porque o prazer de ler impulsiona e mantém viva a leitura.

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a mesma tem que direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade.

A autora ainda acrescenta que, diante das diversas transformações com as quais convivemos, a escola precisa, mais do que nunca, fornecer ao estudante os instrumentos necessários para que ele consiga buscar, analisar, selecionar, relacionar e organizar as informações complexas do mundo contemporâneo.

A mesma também tem a responsabilidade de promover estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor, despertando-lhe interesse, aptidão e competência. Assim, a escola poderá contar com uma biblioteca – desconstruindo a percepção de “[...] Um lugar em que são armazenados livros para leitura; um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, de disseminação da informação” (AMATO & GARCIA, 1998, p. 13) – ou com um espaço reservado à leitura, que, certamente, favorecerá a obtenção de resultados satisfatórios quanto aos objetivos almejados para o desenvolvimento das práticas leitoras.

A escola pode renovar o acervo de materiais com livros e revistas de interesse das crianças, proporcionar o acesso a livros suplementares para a leitura de lazer e discussões em grupo e, em sala de aula, fazer uso de recursos que não reduzam a leitura das crianças ao livro didático e estejam vinculados à realidade social e à vida dos aprendizes. Vale lembrar que a escola, por não ser uma organização independente e estar totalmente ligada à política governamental, não pode criar um distanciamento do mundo do aluno.

Um ensino mais produtivo pode ser a finalidade primordial do professor na sala de aula, propondo soluções adequadas para cada situação que afligem seus alunos e lhes dificultam o processo de aprendizagem, buscando meios de contribuir com um bom desempenho destes na leitura e, conseqüentemente, em todas as suas áreas da vida pessoal, profissional e acadêmica.

A escola desenvolve uma função importantíssima na vida do leitor proficiente, que detém o hábito da leitura e o faz de forma significativa e prazerosa, é necessário apontar as questões primordiais. Seria incorreto associar o fracasso leitor do Brasil apenas aos professores, embora é inegável que uma das fontes de tal causa, passa prioritariamente pela formação do aluno no ensino superior sem cursar uma disciplina exclusiva voltada a leitura.

Acredita-se que uma vez superadas as demandas de oferta, acesso e permanência à educação e aos bens culturais, a formação adequada dos professores contribuiria para fazer de vez do Brasil um país de leitores. A pesquisa realizada na escola afirma que é na escola onde se dá a leitura, porém uma vez fora da escola o hábito da leitura desaparece ou enfraquece perdendo todo o sentido. Para analisar esta formação do aluno leitor, se é suficiente, ou mesmo se existe ou não essa preocupação no curso específico de Pedagogia, nos deteremos primeiramente em discutir teoricamente sobre a importância da leitura. Para tanto, nós apoiamos no pensamento de Paulo Freire, em seu artigo A importância do ato de ler (1993), Freire discute sobre a importância do contexto para a compreensão da leitura:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não

possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1993, p11).

Tomando por base o pensamento de Freire mencionado, inferimos que a compreensão do que é leitura extrapola as palavras de um texto escrito para ser de horizonte mais amplo, exatamente quando Freire diz que linguagem e realidade se prendem dinamicamente, ampliando o ato de ler como a forma de compreender o contexto das comunicações humanas e seus contextos históricos e sociais em que foram produzidos.

Nesta obra Paulo Freire nos fala especialmente sobre a leitura como forma emancipadora do ser humano. Inclusive que o conceito de leitura é muito maior que se costuma pensar, inclusive quando nos ensina que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ainda sobre a importância da leitura e sua prática [Cavalcanti (2002)] em sua obra, aborda a importância da leitura para a criança partindo do pressuposto que é a partir da leitura que nos humanizamos e que ampliamos nossa capacidade de entender o mundo e suas relações (CAVALCANTI, 2002).

A referida autora trata da leitura como objetivo de desenvolver o senso crítico e a criatividade. São nos anos iniciais que se forma o gosto e o hábito da leitura, e parte primordial deste trabalho está centrado na ação diária do professor, no uso e em suas práticas de leitura diária. “Em tudo que fazemos está a palavra como condição primeira da interpretação e compreensão da realidade”. (CAVALCANTI, 2002, p. 26). Cavalcanti ao se referir aos contos, afirma que é por ouvir os contos que nos humanizamos, que experimentamos as mais diversas sensações; a palavra é um dos pontos mágicos do processo de humanização.

2.8 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

O professor, por ser mediador da aprendizagem, é fundamental no processo de formação de leitores críticos. O professor é aquele que orienta, que cresce e faz crescer junto com os alunos, abrindo espaço na sala de aula para que os alunos tenham prazer de ler e de tornarem-se leitores. É no contato constante com materiais escritos que o aluno vai compreendendo o sentido da leitura e dispondo de um poder indispensável na transformação e construção do senso crítico. Por isso que a leitura só terá sentido, exclusivamente, na medida em que orienta para um profundo conhecimento da realidade dentro de uma reflexão crítica e quem não lê está isolado desse processo histórico, porque, como diz Luckesi (1991, p.34), “A leitura é imprescindível ao homem, com a ausência da mesma não haveria progresso”.

Portanto, o professor como já evidenciado, torna-se um grande formador de opiniões e devido a essa aptidão pode, a partir dos primeiros anos, implantar conceitos de leitura e práticas diárias em sala de aula, pois nesses espaços figuram as possibilidades de se construir uma consciência acerca da importância do ato de ler.

Logo, os professores dispõem de uma preciosa ferramenta que pode possibilitar o desenvolvimento intelectual e pessoal de seus alunos, mas é essencial ofertar condições adequadas para que o mesmo desenvolva e realize hábitos de leitura espontânea. Para o despertar da leitura prazerosa, é imprescindível que o educador introduza as leituras que motivem o interesse dos alunos, deixando-os escolher os mais variados tipos de textos.

Neste campo, o professor terá a oportunidade de introduzir e explorar obras de autores que realmente proporcionarão um conhecimento mais aprofundado do universo literário. Dificilmente, o educador irá conseguir despertar o interesse dos alunos pela leitura disponibilizando, de imediato, como obrigatoriedade, livros de autores, uma vez que o objetivo principal em qualquer estratégia de leitura por prazer é desenvolver o comportamento leitor, fazendo com que os alunos se tornem leitores autônomos e descubram os pormenores literários.

Outro fator a ser contemplado é o ler para estudar, uma habilidade que percorre toda a vida do aluno, dentro e fora do ambiente escolar. Nesse sentido, são apresentados aos alunos textos que envolvem certa complexidade e, por via da incompreensão do sentido das informações apresentadas, acabam se convencendo de que não conseguirão ter êxito na aprendizagem e até mesmo, muitas vezes, procuram a desistência definitivamente dos estudos.

Cabe ao professor criar situações didáticas coerentes com a realidade estudantil, possibilitando o desenvolvimento do significado dessa leitura: o de ler para estudar. Nesse tipo de leitura, é primordial que os professores direcionem os alunos para que façam registros, esquematizem as atividades e reelaborem as leituras para um melhor entendimento.

A respeito da prática do educando, é importante lembrar que o trabalho desenvolvido a partir da literatura infantil requer sua iniciação desde os primeiros anos de vida da criança. Por meio de uma adaptação apropriada à faixa etária, o professor articula a construção de textos orais e escritos, bem como a apropriação de conhecimentos acerca dos gêneros textuais. Da diversidade textual apresentada aos educandos, é possível fazer com que apreciem e analisem os tipos textuais, que constituem o foco atrativo para colaborar no processo de formação de futuros leitores.

Portanto, não podemos esquecer a responsabilidade do professor ao buscar tornar os

alunos exímios leitores, assumindo o compromisso do gosto pelo texto literário e, por tais razões, despertar essa afinidade pela arte-escrita literária se tornará uma prática alinhada à edificação de novos saberes.

A falta de hábito de leitura tem sido apontada como uma das causas do fracasso escolar do aluno e, em consequência, do seu fracasso enquanto cidadão. Subjacente a essa ideia não só se encontra a crença de que a escola forma para a vida e que a leitura, especialmente a da literatura, tem grande parcela de responsabilidade nessa formação, como também se evidencia a vinculação histórica entre literatura e escola, o que torna mais problemático quando se pensa na instituição escolar como um espaço de conservação e na literatura como a possibilidade de contradição e do movimento e, portanto, como agente de transformação (MAGNANI, 2001, p. 11).

Introduzir uma criança no mundo da leitura é, exatamente, trazer esse universo para a escola e dinamizá-lo, ininterruptamente, junto às novas gerações, que precisam ser educadas para se tornarem cidadãs de deveres e de direitos, inclusive o de ler. E é desde a infância, em seu dia a dia escolar, que, quanto mais estimulada pelo educador for a criança à leitura, menores são as possibilidades de o aluno perder o interesse:

A leitura na infância satisfaz as necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento, de maneira demasiada unilateral. Quando, mais tarde, os interesses se modificam (diminuindo o amor da aventura), muitas crianças param completamente de ler. A motivação para a leitura é demasiado fraca (BAMBERGER, 2000, p. 20).

Nessa ótica, a leitura deve ser uma das atividades principais na sala de aula e, através de um planejamento diário do professor, abarcar estratégias que guiem o aluno para o exercício da leitura. E uma dessas estratégias é a escolha do momento mais favorável para se fazer a leitura e, nesse ponto, o professor terá que escolher a situação mais adequada.

Outra possível estratégia a ser adotada para as leituras de textos é um diagnóstico inicial do grau de percepção da criança, onde deve-se respeitar o nível de conhecimento do aluno para não o cometimento de erros, o que, em muitas ocasiões, acaba frustrando e desprezando o conhecimento prévio do aluno.

Em linguagem (e, logo em leitura) não há grau zero assim como não há grau dez, ou seja, não podemos desprezar o conhecimento prévio que todo leitor tem em seu potencial, independente do grau de leitura, como também não podemos imaginar um grau máximo de compreensão, que despreze qualquer ato de aprendizagem (ORLANDI, 1993, p. 28).

Com o objetivo de formar leitores, o professor é o principal responsável por apresentar o mundo da leitura ao aluno e o modo como ele realiza essa tarefa será decisivo para despertar

ou não o interesse pela leitura. Segundo Vygotsky (1987), as pessoas vão aprender, primeiramente, pela imitação, ao ver outros indivíduos realizando alguma atividade. Sua desenvoltura, entusiasmo, conhecimento literário, domínio da matéria são características fundamentais para tornar-se um ser ativo na formação de leitores.

Além disso, o professor deve interessar-se pelo aluno, tentar conhecer seus contatos anteriores com a leitura, com os diferentes tipos de texto, suas diferentes experiências de leitura e conhecimento de gêneros literários, levando a enriquecer tais práticas com outras inovações. Na verdade, aluno deve ser preparado para a leitura e tudo deve ter um objetivo claro, mesmo que este seja apenas o da fruição. Assim, concordamos com Freire (2001, p. 17), pois “... muito de nossa insistência, enquanto professores e professoras, em que os estudantes ‘leiam’, num semestre, um sem- número de capítulos de livros, residem na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler.”.

Freire ainda faz uma diferenciação entre o hábito de ler e o ato de ler. O hábito está ligado ao mecânico, ao imposto, enquanto o ato de ler é algo mais amplo. Vale lembrar que cada estudante é um ser único, possuindo uma história de vida diferente, com diversas preferências e cabe ao educador reconhecer tais diferenças e contorná-las dentro da sala de aula.

Desta forma, o professor terá a oportunidade de crescer enquanto leitor, em uma troca benéfica entre os dois polos da sala de aula, criando um ambiente em que todos possam se expressar e comunicar suas próprias opiniões. Trata-se de uma estratégia de leitura válida, baseada numa perspectiva de cunho construtivista, objetivando uma apreensão de conteúdo significativa, pois, como afirma Solé (1998, p. 71), “estas estratégias são as responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto e, pelo fato de o leitor ser consciente do que entende e do que não entende para poder resolver o problema com o qual se depara.”.

O educador deve desenvolver nos alunos o interesse e o hábito pela leitura, adotando obras de ficção e não-ficção no decorrer do ano letivo, de uma forma que possam ver a ligação de um assunto com outro, mostrando algo do interesse comum, sem esquecer que o maior contato com os livros vem da escola. Para manter aceso o hábito da leitura.

[...] Precisamos ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais e condições ambientais forem mudando. É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes, e não por inclinações mutáveis (BAMBERGER, 1995, p. 20).

O ato de ler é um espaço de ampliação dos conhecimentos já adquiridos e expansão

para novos conhecimentos, sempre fornecendo informações direcionadas para uma melhor construção do intelecto. Para se ter um prazer sem a obrigatoriedade deve-se oferecer acesso a gêneros seguindo o interesse dos alunos para direcionar, ampliar e diversificar os textos, com práticas diárias, ampliando o tempo da leitura, proporcionando conversar temáticas ligadas aos temas e textos lidos, interligando os assuntos e estimulando a escrita dos assuntos para construção de um acervo pessoal ou de classe para futuras consultas.

2.9 A FORMAÇÃO DO LEITOR

O conceito de leitura, antes limitado à decodificação dos signos linguísticos, hoje exige que os professores, como mediadores de leitura, tenham uma concepção mais ampla da prática da leitura no contexto escolar, a fim de proporcionar aos alunos uma relação mais íntima entre está e os textos literários e importantes. A esse respeito, Jouve (2002, p, 127) argumenta que: “[...] a leitura tem duas dimensões: uma comum a todo leitor, porque é determinada pelo texto; a outra, infinitamente variável, porque depende de cada indivíduo algo projetado de si mesmo”.

A formação de um público leitor discente, capaz de interagir com o texto para (re)representar seus conhecimentos prévios, é um eixo importante na formação da contribuição de um cidadão crítico, que infere sua posição a partir de seu contexto social, que pode ser modificado. Para atingir essa dimensão formadora do leitor, fica claro que a reflexão é fundamental e que o conceito de leitura está imbuído no meio educacional, para assim mediar a leitura dentro de uma nova ótica.

Mesmo diante desta emergente necessidade, nos deparamos com práticas educacionais voltadas para o ensino da leitura como algo totalmente tecnicista, que forma o educando apenas para uma reprodução mecânica de símbolos linguísticos, sem qualquer sentido atribuído a obra, portanto, não contribuindo para um letramento literário, provavelmente sem constituir sequer uma formação de qualquer hábito de leitura.

Diante deste cenário educacional, constatamos que, apesar das discussões teóricas que apontam a formação do professor-leitor como fator primordial para o sucesso escolar, e da própria formação humana do educando, reconhecemos a relevância dos diversos aspectos sociais, culturais e econômicos que emergem na prática docente, nas mais diversas realidade educacionais, o que nos leva a refletir como as estratégias de leitura são planejadas e efetivadas no interior das instituições de ensino. Constatou-se, diante do questionário aplicado e das observações realizadas que estas problemáticas estão intimamente ligadas

com a formação docente, dentro de uma perspectiva de formação de leitor. Desse modo, reconhecendo a necessidade de se refletir acerca da dimensão formativa do professor leitor.

2.10 A METODOLOGIA DE ENSINO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

Discute-se a formação de professores para a educação básica, considerando a possibilidade de inovação pedagógica na área, considerando temas como as possibilidades ousadas neste campo educacional, aspectos curriculares e análise de experiências e processos formativos originais. Ao explorar as características do contexto social da formação de professores e suas relações com a escola básica, explana-se a natureza das políticas públicas educacionais dos anos de 1990, especificamente da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB n. 9394/96, influenciada pelas diretrizes de organismos financeiros internacionais, cuja intencionalidade, no entendimento seria a formação de professores que se ajustassem à lógica do mercado capitalista.

Em menção às novas proposições para a formação de professores da educação básica, centram-se no conceito de formação humana, sinalizando para a necessidade de investimento contínuo na formação do professor e defendem a imprescindibilidade da figura do professor, apesar de todo o avanço tecnológico e dos recursos disponíveis atualmente.

Silva e Aranha (2003) consideram que o professor jamais poderá ser substituído se a educação estiver comprometida com a emancipação do homem. Considerando a lógica mercadológica implícita na LDB, concordamos com as autoras a respeito da necessidade de se considerar no momento da formação de professores de língua e literatura, sobretudo, a necessidade de uma discussão acerca do currículo para a formação de professores para a educação básica, com atenção voltada para a perspectiva integradora de ensino, como alternativa à formação fragmentada, tão familiar à realidade educacional brasileira.

Baseando-nos nas condições básicas necessárias à materialização efetiva do currículo integrado para a formação de professores, é importante evidenciar a importância do trabalho coletivo calcado em bases solidárias no ambiente formativo, onde as relações acadêmicas e pedagógicas devam ser compartilhadas por toda a comunidade educacional, considerando que os professores devem compartilhar objetos gerais que orientem o currículo na direção das práticas pedagógicas coletivas.

Neste sentido, a integração curricular nos cursos de licenciatura exige a predisposição dos sujeitos envolvidos e das instituições formativas para romperem com

territórios do conhecimento fortemente delimitados e buscarem uma perspectiva integradora, reduzindo o isolacionismo tão presente na sociedade atual, por meio do cultivo do trabalho coletivo.

Ao se caracterizar a sala de aula, seja na escola ou na academia, como espaço de intercâmbio de experiências entre professores e demais agentes de formação pedagógica, como coordenadores, buscamos ressaltar a necessidade de fomentar ações de formação continuada para os professores a partir de debates de situações concretas vivenciadas por aqueles profissionais, tornando-se não apenas referência de formação continuada dos professores, mas, acima de tudo, uma evidência da possibilidade de tudo o que foi apresentado nessas reflexões.

A relevância dos educadores e da formação de profissionais da educação, entre outros aspectos, repousa na apresentação e análise de possibilidades concretas de efetivação dos debates teóricos quanto à formação dos professores e sua articulação com a prática docente na educação básica. A didática é mais que uma disciplina pedagógica, é ação fundamental na formação de professores, ao ter como objeto central de estudos os processos de ensino e de aprendizagem em suas amplitudes. Imbernón (2022) explica esta amplitude ao ponderar, veja-se:

La didáctica se ocupa de no únicamente de cómo se enseña sino de identificar cómo se aprende, cuáles son los procesos de enseñanza aprendizaje de cada estudiante para que el docente lo utilice para diseñar las orientaciones pertinentes para que el aprendizaje de cada estudiante sea más eficiente, profundo y particular (p. 10-11).

Conforme Hibernón (2022) a instrução da didática na formação de professores contribui, entre outros, com a unidade entre ensino e aprendizagem, com a articulação entre teoria e prática, com a relação entre conteúdo e metodologia e com a coesão das intencionalidades e dos fazeres. Neste sentido, propõe-se que a questão da formação para o magistério precisa sair da perspectiva que associa a trivialidade a esse processo (GATTI, 2014).

Existe um contraste nas instituições e cursos que buscam realizar um trabalho coerente e aprofundado para essa formação, enquanto uma quantidade relevante apenas realiza uma rotina formativa, um tanto genérica, que não redunde em egressos com condições efetivas de atuar em uma sala de aula, seja com crianças, seja com adolescentes ou jovens, na dependência do nível de ensino em que vão atuar (MONFREDINE; MAXIMIANO; LOTFI, 2013; GATTI, 2014).

Destaca-se aqui que a importância essencial da educação escolar nas sociedades modernas contemporâneas é a formação humana, a formação de seres sociais, de entes

culturais. Da educação básica se espera que os educandos se tornem pessoas com condições suficientes para usufruir dos recursos que a vida social pode disponibilizar para um viver melhor, para a participação e escolhas coletivas, na direção do bem comum (RODRIGUES, 1991).

Essa educação incide hoje diretamente nos processos de formação do humano-social, comportando não só a socialização de conhecimentos, como também a socialização associada a perspectivas relativas a valores, atitudes e formas de agir nas relações em comunidades e as relativas ao nosso habitat natural. Considerando a formação de consciências para o agir social, é nessa direção que se coloca a complexidade e a relevância essencial do trabalho docente na educação básica, partindo dos contextos multiculturais e das acentuadas diversidades em que ela se processa.

A conscientização tem um grande significado, pelo simples fato de o conhecimento ser resultado de uma educação como ação da liberdade, que torna possível uma construção crítica sobre o contexto de vida de cada pessoa e de como definem sua realidade.

Nos PCN de Língua Portuguesa, a intenção é que as propostas ali apresentadas venham a oferecer subsídios para um ensino que permita aos alunos o uso eficaz da leitura e escrita e dos benefícios decorrentes dessa apropriação, como a diminuição do fracasso escolar e a possibilidade efetiva do exercício da cidadania. No documento fundamenta seu trabalho de pesquisa na concepção enunciativa de língua proposta por Bakhtin (BRASIL, PCN LINGUA PORTUGUESA, 1998).

Nessa concepção, a língua é viva, produzida na história e, ao mesmo tempo, produtora da história dos homens. Ela é revelada nas diversas linguagens constituídas nas diferentes situações sociais, os gêneros do discurso.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros de discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1953: p 279).

Nessas diferentes concepções, leitura e escrita são vistas como habilidades diversas e seu ensino se dá de forma dicotômica. As aulas de gramática ocupam grande parte do tempo destinado ao ensino de língua. Embora pareça haver um consenso quanto ao fato de que se deve ensinar gramática a partir do texto, o que ocorre é uma "dissecação" do texto para que dele sejam retiradas, para estudo, as categorias gramaticais.

Essas atividades de "dissecação" são indicativas da concepção de língua "morta" que aí

fica explícita. Grande parte dos professores utiliza o livro didático como fundamento de sua prática. Os livros didáticos, usualmente, seguem a concepção de que o texto deve ser a unidade de ensino: suas unidades são iniciadas por um texto, seguido de exercícios de compreensão e gramática e, por vezes, de propostas de produção escrita.

A questão da formação de professores, no que diz respeito às práticas de leitura e escrita, tem avançado discursivamente, mas as práticas desenvolvidas na escola básica requerem ser revistas. Numa relação simplista remete-se à formação de professores, na proclamada necessidade de reformar as práticas de formação.

A formação se configura nesse movimento, percurso onde a caminhada, deflagrada pela experiência, nos leva rumo a nós mesmos, em direção a um espelho onde o reflexo de si torna perceptível a transitoriedade e incompletude humana. Sem dúvida, delegar toda essa responsabilidade ao professor sem articular isso à política educacional, a propostas curriculares, condições de trabalho, é desconsiderar toda uma rede de instâncias que configuram a prática cotidiana.

É válido destacar o papel do professor como leitor, ponto essencial para a implementação de uma proposta de valorização e real trabalho com a literatura na escola, considerando-a como tal, sem reduzi-la a mero recurso didático. Retomar experiências de formação de professores e nesse destacar uma questão: não cabe ensinar a ensinar, mas ler, tomando o professor como leitor.

Representar tal decodificação advinda de uma realidade vivida pelo ser, propõe uma análise aprofundada de um contexto ao parecer do indivíduo. Transformando a escrita numa maneira real de viver. É preciso considerar que a experiência não se limita a uma relação externa com o objeto, ao contrário, se realiza quando este ecoa em nós, como uma pedra jogada num lago: o movimento que se propaga e repercute naquelas águas levando-as a novos momentos, novas formas de ser/estar.

Nesse processo em que se entrelaçam os fios que compõem a trama da atividade docente é preciso considerar a impossibilidade da usual dicotomia formação/experiência feita pelos sistemas de ensino: primeiro forma-se (ou formatasse) o sujeito para que depois ele possa desenvolver a atividade em si.

2.11 O PAPEL DO PROFESSOR NA ARTE DE FORMAR LEITORES

O papel do professor mudou, antes alguém que apenas repassava conteúdo e os alunos reproduziam, ou até mesmo de exercícios que eles tinham que memorizar para atividades

avaliativas. Hoje o papel do professor vai muito, além disso. Em função disso, compreende-se que são muitos os desafios que fazem parte do contexto educacional e o mais comum deles é a prática leitora dos educandos.

Nesse sentido, o professor é o grande mediador no processo contínuo de aprendizagem no espaço escolar, pois é sua responsabilidade criar possibilidades para que seus educandos consigam aprender o conteúdo. Deste modo, o professor precisa fazer uso dos seus conhecimentos teóricos e metodológicos que possam instigar a curiosidade dos alunos na aula. Além disso, ele também contribui para que o aluno perceba as oportunidades que a leitura pode trazer para a sua vida como leitor.

Mas, para que isso aconteça, o professor deve conhecer seus alunos, mantendo-se atento às demandas que eles apresentam, visto que cada um já vem com uma bagagem de saberes e práticas, assim como dificuldades específicas para lidar com a leitura. Além disso, vale ressaltar também que, na maioria das vezes, a leitura não é realizada em casa e, por isso, o aluno não sente afeição em desenvolver a sua leitura.

Então, esta atividade recai sobre a escola, o ofício de fazer com que o educando não apenas leia e consiga interpretar, mas que também goste da prática da leitura, seja ela em casa, na própria escola ou em outros contextos. Segundo Freire (1999, p.29), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Então, ser professor não é apenas passar conteúdo na aula, mas fazer com que o aluno reflita sobre o que foi lido, podendo fazer conexões com a sua vida e com os seus pensamentos.

Martins (1984, p. 34) acrescenta: A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Ou seja, o professor assume a responsabilidade de incentivar o aluno a entrar no mundo da leitura, enfatizando a importância que o livro possui e despertando o gosto de ler. Sobre a importância de planejar esse despertar, Coelho (2002) declara:

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o imprevisto em técnica, fundir teoria à prática (p.13).

Então, o planejamento também faz parte da vida do professor, e planejar é

fundamental, uma vez que é deste roteiro que ele vai elaborar os seus métodos de aula e pensar como irá aplicar o conteúdo na turma que leciona. O conteúdo selecionado para o trabalho da leitura tem um importante papel no desenvolvimento de como a aula vai ocorrer. O professor tem que procurar meios para chamar a atenção das crianças entendendo que o momento da leitura é fundamental, uma vez que é através desse exercício que elas poderão entender, de forma mais crítica, o mundo à sua volta.

Deste modo, inicialmente o professor deve estimular o pensamento crítico do aluno durante as suas aulas. Com isso, vem a necessidade de se colocar debates em aula de leitura, visto que se trata de um procedimento metodológico fundamental para criar meios de inserir a conversação entre os alunos e entre os alunos e professor, e fazer com que exponham as suas opiniões e dúvidas, ou seja, a utilização de debates em sala de aula é preciosa para o estímulo da argumentação e do pensamento crítico do educando sobre o que foi lido:

A essência do trabalho com habilidades de leitura está em desenvolver nos alunos as capacidades de produzir sentidos a partir dos textos que eles leem. O (a) professor (a) deverá trabalhar todas as habilidades necessárias, mas de forma gradual e acumulativa (FERRAREZI & CARVALHO 2017, p. 90).

Deste modo, é necessário que o professor escolha bem o material que será utilizado em sala de aula. Além disso, assim como a leitura fora do espaço escolar deve ser prazerosa, a leitura dentro de sala de aula também, pois só assim o aluno poderá se sentir envolvido. Fica claro, diante do exposto, a importância de uma boa leitura e a importância do modo como o professor vai lidar com os textos em sala de aula.

Todavia, o professor deve, antes de tudo, ser um leitor, pois, de acordo com Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 89): “Antes de iniciar um trabalho com texto, o (a) professor (a) precisa ser um leitor, no sentido mais amplo e pleno da palavra.”. O docente deve conhecer o material que vai trabalhar, procurar meios para tornar a aula interessante e principalmente saber “manusear” o texto com as suas habilidades de leitura como um leitor competente e como professor que possui a sua própria didática.

Através de seus conhecimentos, o professor tem que promover também a participação em suas aulas, uma vez que o engajamento faz toda a diferença, mesmo que seja um trabalho difícil chamar a atenção dos alunos e fazê-los participarem, faz se necessário que os professores procurem meios para isso. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) aponta que a participação constante dos alunos em atividades de leitura ajuda na ampliação do repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados quando expostos a novos textos.

Deste modo, o aluno fará uso de seus conhecimentos prévios para estabelecer conexões com os novos materiais. Ademais, é importante que o educador incentive nas suas aulas a leitura na íntegra, pois a fragmentação do texto.

Sendo assim, o professor assume a função de agente de letramento, pois, de acordo com Kleiman (2006), ele se envolve em questões ligadas à aquisição e ao uso da leitura e da escrita. Além disso, a autora (2007) ressalta que o agente de letramento consegue unir os interesses dos aprendizes, ajudar nas decisões sobre determinados cursos de ação, interagir com outros agentes (ex. professores e coordenadores) de forma planejada e modificar seus planos de ação de acordo com as necessidades do grupo.

O professor tem a capacidade de instigar seu aluno a pensar, de criar sonhos para que esta saia da sua zona de conforto e vá além daquilo que poderia imaginar. Uma das características do professor é ser inspiração e exemplo para seus alunos, não apenas no que se refere a conteúdos, mas também no conhecimento de mundo, até porque uma boa parte da vida do estudante está centrada na escola. Assim, o professor se eterniza na vida do aluno quando torna o ensino prazeroso e significativo.

2.12 BIBLIOTECA ESCOLAR E SUA IMPORTÂNCIA

É de fundamental importância ter uma biblioteca escolar no âmbito educacional para a cultura letrada que venha a favorecer um bom desenvolvimento e ampliação da leitura e suas vantagens favorecendo o enriquecimento cultural, social e linguísticos dos alunos, profissionais da escola, os pais e a comunidade, pois a biblioteca possuindo um acervo diversificado e de boa qualidade textuais para ser consultados pelos alunos e professores quando necessário, esse acervo deve estar bem organizado visualmente por temas específicos como: Clássicos, Literatura Infantil, Literatura juvenil, Referências, Ficção, Não Ficção, Bibliografias, Poesias, Documentários, são alguns dos assuntos a serem disponibilizados.

A Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 diz que até 2020 toda escola deverá conter biblioteca com Bibliotecário, que é o profissional formado em Biblioteconomia capacitado para desenvolver atividades de leituras de maneiras criativas, estimulantes e bem lúdicas atendendo o campo técnico como no desenvolvimento humano, elaborando projetos e atividades para os alunos e professores favorecendo o prazer e o gosto em ler e apresentar como foi vivência e experiência diante dos textos disponíveis, suas interpretações servem de estímulos para os demais alunos que vai além das obrigatoriedades escolares.

Nas escolas onde não há bibliotecário um professor assume a responsabilidade de

desenvolver atividades de estímulos a leitura de maneiras diversas para ser interessante a troca de experiências por meios diversos como: livros, vídeos, desenhos, releituras favorecendo o estímulo da leitura de forma prazerosa como o objetivo de melhorar o vocabulário, aguçar a imaginação, facilitar a interpretação e a escrita, expansão da criatividade e auxílio no foco e concentração. Esses estímulos devem ser prazerosos para um melhor desenvolvimento das crianças leitora em espaços bem-organizados, iluminados, arejados, silencioso e acentos apropriados, sendo um lugar de interação com um mediador capacitado para o seu exercício.

2.13 BIBLIOTECA ESCOLAR, UMA ÓTICA GERAL SOBRE O ASSUNTO

No Brasil, o ensino fundamental é um direito de todas as crianças e adolescentes, garantido por lei e executado por meio das secretárias de educação dos municípios. Esta fase educacional, os alunos são alfabetizados e iniciam a prática da leitura. Muitos esforços são necessários, por parte de todos os professores das disciplinas do currículo pedagógico para a construção do conhecimento dos alunos no processo de ensino/aprendizagem.

A educação pública brasileira necessita de avanços para garantir melhorias e qualidades no ensino, uma importante aliada: a biblioteca escolar. Assim como o papel do professor é importante na escola, é na biblioteca escolar em seu ambiente que contribuir para alcançar um avanço educacional e assim garantir futuros leitores e fazendo o interesse pelos estudos meio a tantas dificuldades passadas, pois grande parte destas crianças e adolescentes pertence a um grupo vulnerável, seja de forma financeira ou emocional e porque não dizer educacional, pois muitas possui em seus genitores ou responsável pessoas que nem se quer possui o ensino básico, por isso o papel da biblioteca em ambiente escolar se faz de tão importante.

A informação é um elemento imprescindível para o convívio em sociedade, pois contribui, de forma acentuada, para o crescimento e dignidade do indivíduo, garantindo sua sobrevivência em um mundo competitivo e globalizado. As mudanças que ocorrem na sociedade da informação, entre as quais aquelas relacionadas aos modos de comunicação, têm grande influência sobre os comportamentos culturais e sociais dos indivíduos, por isso o ser humano deve estar em contínuo processo evolutivo. O modo de vida dos indivíduos vem sendo modificado constantemente pela globalização e pelo acelerado fluxo informacional.

Portanto, para que se possa viver neste contexto, faz-se necessário ter acesso aos meios pelos quais a informação é disseminada, sendo um destes meios a leitura.

Possibilita-se, assim, a formação de uma sociedade consciente de seus direitos e de seus deveres e com uma visão melhor do mundo e do próprio ser humano, uma vez que a leitura é um instrumento importante para a formação do cidadão, assim compreende que as mudanças ocorridas em uma sociedade tão sobrecarregada de informações.

A disseminação de informações é uma das principais funções da biblioteca cabendo atender às demandas e necessidades informacionais. Para isso, nestas instituições, locais de difusão da informação e democratização da leitura, a escola como fonte principal do saber deve incentivar e buscar leituras informativas e de lazer, promovendo, assim, a formação de leitores e contribuindo para o exercício da cidadania e incentivando seu público (alunos) a fazerem mais uso dos serviços das bibliotecas.

Lembrando que o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, conforme os PCN abrangiam processos sequenciais. O primeiro ia até a criança ser alfabetizada, aprendendo o sistema de escrita. Já o seguinte começaria quando ela tivesse o domínio básico dessa habilidade e seria convidada a produzir textos, notar as normas gramaticais e ler produções clássicas.

As situações didáticas essenciais para o Ensino Fundamental passaram a ser: ler e ouvir a leitura do docente, escrever, produzir textos oralmente para um educador escreva e fazer atividades para desenvolver a linguagem oral, além de enfrentar situações de análise e reflexão sobre a língua e a sistematização de suas características e normas. Essa nova concepção apresentava inúmeras diferenças em relação a perspectivas anteriores. A sociedade busca pessoas que possuam alta competência na utilização da linguagem formal para que as mesmas apresentem uma postura padrão e corretamente no que se refere à fala e à escrita. Para isto é necessário como pré-requisito básico saber ler e escrever e interpretar corretamente.

A leitura faz parte da educação e do processo de ensino e aprendizagem por isso deve ser praticada com prazer. Consequentemente, para que se desenvolva o gosto pela leitura, faz-se necessário que os educadores a apontem como uma alternativa de lazer desde a infância.

Desta forma, conquistando o leitor, as bibliotecas se transformam em um local onde a educação, o ensino e o lazer poderão encontrar-se, permitindo o acesso às informações a todos e contribuindo na formação de cidadãos. A biblioteca escolar justifica sua própria existência no desempenho das atividades de ensino, cultura e lazer desenvolvido dentro do ambiente escolar (HILLESHEIM & FACHIN, 2004, p. 4).

Os adultos são os intermediários entre a criança e os livros, sendo assim, já no ambiente familiar os pais como educadores possibilitam o primeiro contato com a leitura que desperta a

curiosidade e o imaginário da criança por meio de contação de histórias, por exemplo. A criança ao entrar para a escola tendo certa familiaridade com o livro facilitará o trabalho dos educadores (professores e bibliotecários) que passarão a ser também responsáveis pelo processo de formação de leitores.

A escola é um local de educação e construção dos saberes, por isso um dos papéis fundamentais dessa instituição é o ensino da leitura que é facilitadora do processo de ensino e aprendizagem e socialização do ser humano.

A formação do leitor na realidade escolar é iniciada no período de alfabetização. Com o auxílio dos professores e dos bibliotecários a criança será estimulada a obter o gosto e o prazer pela leitura. Para que isso aconteça, a leitura não deve ser apontada com imposição, como um simples cumprimento de tarefas escolares e sim deve-se fazer com que as crianças se interessem e associem a leitura com a realidade, com o lazer e com o mundo, dentre este o ficcional. Pois,

Ensinar a gostar de ler deve ser a preocupação de todos os educadores que, em nossa sociedade se dão conta de que a alfabetização não pode ser uma atividade apenas mecânica e didática desligada do contexto cultural e das motivações mais profundas que o ato de ler pode despertar no eventual ou potencial leitor, em especial na criança (HOFFMANN, 1996, p. 19).

Outro fator importante para a contribuição do processo de formação de leitor é que a escola ofereça aos educandos uma biblioteca com ambiente aconchegante, dinâmico, com acervo atualizado e que faça parte do currículo da escola como integrante no desenvolvimento da aprendizagem e do gosto de ler.

A biblioteca escolar como um espaço atrativo permite que as crianças a utilizem com mais frequência. Já que é seu primeiro contato com esse tipo de instituição, a biblioteca escolar deve ser um local no qual se proporcionam atividades de leitura que despertem nas crianças o prazer, o imaginário, o humor e até mesmo uma visão da realidade para que se tornem adultos mais críticos e participantes da sociedade. A biblioteca escolar, influencia na formação de leitores em período de alfabetização.

2.14 AS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS CURRICULARES NACIONAIS

A biblioteca é um instrumento que completa o ensino numa escola, sua utilidade soma em grande parcela no desenvolvimento de seus usuários. Para Amato & Garcia (1989, p.23) “A biblioteca, inserida no processo educativo, deverá servir de programas educacionais, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional”, de modo que

esteja de acordo com os PCN.

Freire (1982) diz que “na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na leitura que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo”. É bem verdade que Freire não se referiu especificamente à biblioteca, mas às práticas de leitura e essas ampliaram o seu conhecimento sobre o mundo.

Entende-se que quando o indivíduo passa a ler livros ele amplia seus conhecimentos, como, por exemplo, aprende como escrever as palavras, como colocar os sinais de pontuação da forma correta, melhorando sua fala e escrita e obtendo mais segurança para a produção de um texto.

A sociedade atual passa por várias transformações de hábitos e paradigmas, adquirindo novos posicionamentos diante dos problemas. Através do uso da tecnologia disponível nesta nova sociedade, consegue-se em uma pequena parcela de tempo, obter diversas informações e, conseqüentemente, gerar novas ideias e teorias que exigem a reflexão a respeito da inclusão digital ou da seleção da informação. Essas mudanças tornam-se instrumentos que alteram os modos de relacionamento e de comunicação na sociedade da informação.

Moore define a sociedade da informação em três características:

- a) A informação como recurso econômico que empresas utilizam para melhorar a qualidade dos bens e serviços que produzem, bem como para aumentar sua competitividade;
- b) A informação como instrumento para as pessoas conhecerem seus direitos, exercerem seus deveres e controlarem suas próprias vidas (o autor cita os sistemas de informática criados para que se permita o acesso mais amplo à educação e à cultura);
- c) O desenvolvimento da informação para satisfazer a demanda geral de meios e serviços de informação (MOORE, 1999).

Nesse sentido, tanto os países desenvolvidos quanto os subdesenvolvidos (como é o caso do Brasil) utilizam a informação como recurso de poder e para garantir a competitividade. Entre tantas exigências advindas desse novo mundo informacional, está a do aumento do nível educacional. Além disso, para enfrentar desafios provenientes das desigualdades econômicas e sociais presentes em nosso país é indispensável, em primeiro lugar, saber ler, pois a leitura é o elemento básico para a inclusão social e a adaptação a novas mudanças que ocorrem na sociedade da informação.

Diante desse fato, a leitura adquire um novo significado: é instrumento da autoeducação como forma de acompanhar o acelerado desenvolvimento da tecnologia na contemporaneidade e de propiciar a ação do homem sobre o mundo, transformando-o com o seu conhecimento (SOUZA, 1993, p. 17).

Para que o indivíduo consiga sua inclusão e possa atuar na sociedade, seu principal instrumento é a informação que se manifesta por meio da leitura. Com isso, compreende-se que a informação é utilizada a todo o momento, no trabalho, na escola, no cotidiano, na escolha de um produto ou serviço e até mesmo para fazer valer os direitos dos cidadãos.

Moore (1999) afirma que a informação proporciona aos indivíduos um meio de controle sobre sua existência. Portanto, é imprescindível fazer da informação e do conhecimento bens coletivos, proporcionando a todos iguais condições de acesso aos recursos informacionais utilizados nessa nova sociedade. Conforme Carvalho (2006) a informação é considerada o elemento chave para a formação de futuras elites sociais, econômicas, políticas e científicas.

O mundo moderno enfatiza o princípio da produção da informação e da ordenação do conhecimento. Conseqüentemente, torna-se necessário obter subsídios para selecionar a informação correta e apropriada ao que se necessita. Verifica-se que, atualmente, a busca do conhecimento é constante; no entanto, a grande velocidade com que as informações são disseminadas e as variadas fontes de informação, principalmente aquelas disponíveis em meio eletrônico, muitas vezes, geram desconfiança quanto à veracidade dos dados. As informações precisam, desta forma ser selecionadas. Diante disso, Cortella (2005, p.5) afirma que “[...] o mais importante, agora, não é apenas ter acesso à informação porque ela está chegando com rapidez, mas é como estabelecer critérios de seleção para a grande variedade de informações disponíveis”.

Contudo, é necessário refletir sobre a forma com que a escola vem se posicionando dentro dessa realidade e sobre os critérios utilizados para a seleção das informações disponíveis, ou seja, o modo como a escola tem transformado informação em conhecimento. Nessa mesma linha de pensamento, Cortella (2005, p. 5) afirma que “Cabe enfatizar que ainda hoje tem muita gente em educação que confunde informação com conhecimento. Informação é cumulativa e conhecimento é seletivo!”.

Assim, a leitura é um instrumento de seleção de informação, uma oportunidade de desenvolvimento de uma linguagem argumentativa, que valorize os direitos humanos. Além de ser um elemento de inserção social, a prática da leitura faz com que o cidadão se torne consciente de sua posição numa sociedade crescentemente competitiva e globalizada e possa defender seus próprios interesses e exercer sua cidadania. É necessário, entender a leitura como fator importante na formação do sujeito e de seu senso crítico, e como um processo social que possibilita a construção e a manutenção dos saberes dos indivíduos para que

possam fazer parte do mundo letrado (SANTOS, 2000).

O ato de ler perpassa pela diversidade de textos em que o autor atribui significados, para constituir-se em uma ferramenta de elaboração da capacidade de análise crítica pela interpretação do lido que permite ao cidadão reconhecer e reivindicar direitos, bem como promover o exercício ético e efetivo de suas funções sociais, morais e, sobretudo intelectuais. (SANTOS, 2000). Fiore (1998) acredita que “não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores, pois todos os povos civilizados se caracterizam por possuírem uma massa crítica de leitores ativos”.

Associando a noção de leitura às experiências vividas pelos indivíduos, entende-se que é por meio do ato de ler que o ser humano tem a possibilidade de compreender melhor o mundo em que está inserido, aprimorando seus conhecimentos e senso crítico. Dessa forma, pode alcançar um aperfeiçoamento sociocultural e assim exercer melhor seu papel como cidadão.

Sobre isso Vieira afirma (2004) que:

A aprendizagem da leitura está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão (p. 2).

Sobre a importância da leitura, pode-se observar também o que Souza (1993, p. 13) evidenciou há mais de quinze anos, mas que ainda permanece atual: “A leitura, por trabalhar o intelecto, a imaginação, a sensibilidade; por constituir-se em fonte de atualização, prazer e criatividade, concorre para a formação do homem consciente e atuante, questionador e fazedor do seu tempo”.

Tendo em vista esses argumentos, verifica-se, portanto que a necessidade de conscientização da sociedade para que se constituam ações de incentivo à leitura, pois esta, além de permitir o desenvolvimento do imaginário e do raciocínio, torna o indivíduo capaz de analisar e compreender as mudanças que ocorrem numa sociedade tão sobrecarregada de informações, pressupostos para a modificação de práticas sociais.

Conforme enfatiza Hoffmann (1996, p. 20) A leitura faz com que o leitor entre num processo de participação dos valores culturais da humanidade! A pessoa que lê se torna mais consciente da realidade que a cerca, conseqüentemente se torna mais livre e tornando-se mais livre torna-se mais responsável e dentro de uma linha de evolução tornar-se-á mais feliz.

A formação de leitores consiste em vital importância para a inclusão, desenvolvimento

e preparação dos indivíduos que buscam por meio do conhecimento novas formas de atuar e interagir na sociedade da informação.

2.15 A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA

O termo leitura está relacionado à compreensão da escrita, porém é imprescindível ressaltar o aspecto de compreender os símbolos, as emoções. Jales (apud LINS; RAMALHO, 2006) considera que “o fascínio da leitura consiste exatamente no desvendar do mistério, na imaginação, na viagem pelos caminhos do inconsciente e no domínio das palavras entendidas como uma porta aberta”.

A aprendizagem da leitura é um processo que estabelece a relação entre a linguagem oral e a escrita. Ler não significa apenas decodificar as grafias em sons. Formar leitores é uma tarefa que deve começar nos primeiros anos de vida e continuar por toda vida. Um exemplo disso é a criação de programas de incentivo à leitura em nosso país como, por exemplo: o *Programa de Incentivo à Leitura - PROLER* que é o mais antigo programa de incentivo à leitura do governo federal brasileiro, estando em atividade há mais de 17 anos.

O PROLER estabelece comitês, constituídos por pessoas visceralmente dedicadas à causa da literatura. Há uma relação horizontal de parceria e aprendizado mútuo, onde ambas as partes saem ganhando, em seu objetivo comum de incentivar a leitura. Estamos em um momento de expansão, nossos caminhos estão abertos tanto dentro da própria *Fundação Biblioteca Nacional - FBN* e do *Ministério da Cultura - MinC*, como também junto ao *Ministério da Educação - MEC*. Entre estes, é importante mencionar o *Plano Nacional do Livro e Leitura*, criado em 2006, o *Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL*, que vem desempenhando um papel fundamental no campo da ação pública em favor da leitura (PROLER, 2010, *grifo da autora*).

Esse programa procura amenizar as lacunas de prática e gosto pela leitura. O prazer pela leitura deve ser iniciado dentro de casa pelos seus próprios pais e continuado na escola. Porém, a sala de aula é um lugar privilegiado para que o aluno entre em contato com textos diversos e compreenda suas características. Uma estratégia para o trabalho com textos é articular atividades de leitura e escrita, como afirma Freire (1986), a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, conseqüentemente a leitura da palavra diz respeito à leitura do mundo, ou seja, texto contexto.

Neste sentido, linguagem e realidade se articulam. O interesse do aluno pela produção escrita depende da clareza em compreender e contextualizar a mensagem escrita. Assim, uma

alternativa para estimular o aluno a construir textos é divulgar a sua produção textual para ser lida e apreciada por outras pessoas e não apenas pelo professor.

Todo aluno, independentemente de condição social, tem potencial para fazer a leitura da palavra na mesma proporção que faz a leitura do mundo. O que favorece o desenvolvimento desse potencial do aluno são as condições concretas disponíveis no contexto social para desenvolver a leitura.

No processo de formação do leitor, é necessário que o aluno saiba apreciar uma boa leitura. Além disso, a atividade que envolve leitura e produção textual é essencial, pois para aprender a pensar é necessário exercitar o pensamento, para aprender escrever é preciso desenvolver a escrita e para aprender a ler é preciso praticar a leitura.

Neste caminho, a biblioteca escolar, ao disponibilizar um acervo bibliográfico de livros, revistas, periódicos, etc., proporciona ao usuário a leitura que é um momento de conhecimento e descobertas. Dessa maneira, incentivar a leitura é imprescindível, principalmente na primeira fase escolar até o ensino médio, utilizando a biblioteca da escola.

Nas escolas, é possível encontrar alunos (ainda adolescentes) com algum grau de dificuldade na leitura, como bem apresenta Macedo (2005). Não somente, muitos apresentam dificuldade em interpretar textos e não tem o hábito de leitura, sendo necessário que a escola incentive práticas de leitura.

Em algumas bibliotecas, embora a oferta de livros seja variada, em grande parte das escolas ainda é reduzido o número de títulos que chamem a atenção do público dos anos iniciais do ensino fundamental.

Macedo (2005) destaque que uma coisa que se vê muito dentro de algumas bibliotecas é que, há estantes altas, os horários de atendimento são irregulares e, muitas vezes, a biblioteca está fechada.

Em tal sentido, faltam projetos para a biblioteca, nem sempre a biblioteca é organizada tecnicamente e assim por diante. Apenas o ensino fundamental recebe doações de programas como o *Programa Nacional do Livro Didático - PNLD* e *Programa Nacional da Biblioteca Escolar - PNBE*, desenvolvido desde 1997, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

O aluno que apresenta dificuldade em ler e interpretar textos geralmente vive em um contexto social onde a leitura não é uma prática cotidiana, possui pais semianalfabetos o que pode influenciar diretamente na ausência do hábito de leitura, portanto é necessário que a escola incentive o gosto pela leitura, e a biblioteca escolar é uma porta aberta para despertar o

interesse pela leitura. Ler não é uma tarefa difícil, exige apenas mais do que ver TV, DVD, ouvir músicas ou pensar simplesmente na vida.

Qualquer leitura exige o domínio da língua, determinação e conhecimento sobre o tema, quanto mais você lê, mais fica prazeroso e é despertado o gosto para aprender e descobrir o universo infinito que lhe circunda.

A melhor leitura é aquela que o aluno faz pelo prazer de aprender, de conhecer, de descobrir novos horizontes. Se o aluno já gostar de ler é bem mais fácil ele se interessar pela pesquisa. Ler é viajar pelo fascinante mundo da imaginação, do conhecimento, do novo. A leitura abre novos caminhos, mostra novos desafios e incentiva a busca constante por novos conhecimentos.

Ler pode ser uma atividade prazerosa que proporciona mudanças na vida pessoal e profissional, influencia as ações cotidianas, enriquece as experiências e abre o caminho para uma vida melhor, pois a leitura estimula o raciocínio, e conduz ao conhecimento e à sabedoria. A leitura é o eixo no processo de formação do aluno para a vida, para a convivência social e é condição necessária para participação ativa na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 3 - MARCO METODOLÓGICO

Este trabalho denomina-se pesquisa, por se tratar de uma ação sistemática, organizada através de procedimentos científicos e metodológicos, para uma discussão crítica a respeito de uma realidade, buscando compreendê-la pela combinação de teoria e dados coletados.

Para Minayo (1993), pesquisa é uma:

[...] Atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (p. 23).

Podemos definir essa pesquisa como sendo de natureza qualitativa, de caráter interpretativo este estudo trata de fenômenos complexos ligados diretamente à subjetividade dos sujeitos, que, por se desenvolver em uma situação natural, “é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 18).

Desse modo, em uma investigação na qual o objeto de estudo é um fenômeno educacional, dada à sua intensidade, quanto aos meios, a referida pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, pois, de acordo com Vergara (1998, p. 46), “[...] é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

Quanto aos fins, na tentativa de esclarecer os fatores que contribuem para a ocorrência de um fenômeno (VERGARA, 2000, p. 47), a pesquisa é explicativa, por “[...] aprofundar o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2002, p. 42).

Conforme Maanen (1979) a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados quando no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.

Tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social por tratar-se de reduzir a distância entre teoria e dados, contexto e ação. Em tal sentido, Para Manning (1979, p. 668), o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são analisados.

3.1 LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

O campo da pesquisa está situado no município de Santa Cruz do Capibaribe. Este se localiza no Agreste Pernambucano, limita-se ao Norte com Barra de São Miguel, ao Leste com Taquaritinga do Norte, ao Oeste com Jataúba e ao sul com Brejo da Madre de Deus, com uma população de aproximadamente de 98.254 mil habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2022).

A atividade econômica predominante é indústria e comércio com maior potencialidade de desenvolvimento para confecções de roupas e do Moda Center Santa Cruz o segundo maior polo de confecções da América Latina, onde a população comercializa suas produções, além de outros produtos de gêneros variados.

A Secretaria Municipal de Educação – SME tem demonstrado compromisso e responsabilidade com a educação oferecendo e estimulando formações continuadas aos professores da rede municipal de ensino, mediante acompanhamentos e planejamentos sistemáticos, acompanhamentos pedagógicos, e materiais de suporte.

São oferecidos vários programas educacionais para atender às necessidades da população, entre eles: A EJA (Educação de Jovens e Adultos), o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), o Acelera Brasil (Correção de fluxo e Alfabetização), e educação inclusiva com formações que visa melhor atender esses alunos que demandam uma atenção especial.

Possui uma rede correspondente a 44 (quarenta e quatro) escolas municipais, estaduais e privadas. Deste total, 19 (dezenove) são escolas municipais e 3 (três) são Centros de Educação Infantil - CEI. O município conta, também com três instituições privadas de ensino superior.

A educação do município está organizada em sistema de ciclos, conforme permite a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB Lei nº 9692/96. Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi escolhida 01 escolas pública da rede municipal das 3 (três) turmas de 3º ano do Ensino Fundamental - EF I, que funcionam nos turnos matutino e vespertino.

A pesquisa teve o objetivo de escolher 3 (três) profissionais que atuam no ensino do 3º ano do Ensino Fundamental - EF I, para formar nossa amostragem.

3.2 PERFIL DOS SUJEITOS

Os sujeitos da pesquisa são profissionais da Educação das séries iniciais, 3º ano do Ensino Fundamental - EF I, com idades variando entre 26 e 33 anos. As informações sobre o seu perfil profissional foram agrupadas a partir das respostas ao questionário distribuído. Podemos sintetizar os dados obtidos, em sua primeira parte, por meio da tabela abaixo:

Tabela 1 – Perfil dos Professores.

IDADE	QUANTIDADE	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	QUANTIDADE
26	1	Especialização	1
30	1	Superior completo	1
33	1	Especialização	1

Fonte: A autora.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A coleta de dados é uma etapa de investigação que fornece respostas ao problema proposto e procura atender aos objetivos da pesquisa, segundo um conjunto de processos. Quanto ao instrumento da pesquisa, através dele é possível garantir, de acordo com sua elaboração, “[...] O registro das informações, o controle e a análise dos dados” (MORESI, 2003, p. 64).

Logo, optamos pelo questionário, por ser um instrumento de coleta construído a partir de perguntas elaboradas de forma sistemática e respondidas por escrito pelo pesquisado, em uma sequência com itens que contemplem o objeto de estudo. Sendo realizado um roteiro de observação para observar como ocorre os processos de leitura em sala de aula.

O questionário aplicado na pesquisa consta de itens pertinentes à identificação dos entrevistados, para uma avaliação do perfil do público participante, apresentando quinze perguntas (oito abertas e duas fechadas), dispostas de forma a contemplar o eixo da leitura e de suas práticas, pela perspectiva dos docentes e de suas observações, justificativas.

3.4 A ANÁLISE DOS DADOS

Outro procedimento adotado corresponde à Técnica de Análise de Conteúdo que, para Bardin (1979), é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Ao permitir uma análise objetiva e sistemática do conteúdo das respostas dos questionários, seguimos três etapas:

3.3.1 Pré-análise: realizou-se uma leitura flutuante, que consistiu em “estabelecer o primeiro contato com o texto” (BARDIN, 2011, p. 126), seguida da organização e preparação do material a ser analisado;

3.3.2 Exploração do material: constituído de operações de sistematização das unidades de registro (unidade de significação a codificar) e escolha das regras de classificação e agrupamento das informações em categorias (divisões de elementos textuais parecidos entre si);

3.3.3 Tratamento dos resultados e interpretação: fase em que os resultados brutos receberam um tratamento analítico e tornaram-se significativos e válidos para sua interpretação.

Observando-se a sequência de passos orientada por Bardin (2011), procedeu-se à análise e interpretação dos dados, que estão expostos no próximo capítulo.

Aqui se conclui o capítulo 3. Portanto, delimitado ao contexto da pesquisa em epígrafe.

CAPÍTULO 4 – MARCO EMPÍRICO - RESULTADOS E DISCUSSÃO

À luz do que estudamos sobre a manifestação da leitura no Brasil e como se deu o seu processo de desenvolvimento no âmbito educacional e suas concepções durante todo período, trataremos da concepção de leitura nas diversas interpretações; a saber:

- a) Da leitura como fator importante na formação do indivíduo;
- b) Como a escola desenvolve suas práticas de leituras no ambiente escolar;
- c) Dos gêneros textuais que são trabalhados e disponibilizados;
- d) Como a leitura acontece na rotina diária, bem como o tempo destinado a essa prática;
- e) Quais são os espaços disponíveis e favoráveis ao momento de leitura;
- f) Os recursos disponíveis despertam o interesse dos alunos, e;
- g) A interação e a necessidade de uma formação direcionada ao corpo docente para melhor desempenhar esse papel.
- h) Nessa sistematização e estruturação, os resultados serão tratados a partir de duas categorias: “espaços reservados para a leitura” e “formação em práticas de leitura”.

4.1 ESPAÇOS RESERVADOS PARA A LEITURA

Sobre os espaços reservados para as práticas de leitura na escola citada (conforme item 5 do questionário), com a especificação do local, as três professoras afirmaram que há um espaço reservado, mencionando como sendo a biblioteca da escola.

Porém bem pouco utilizada, pois sempre está ocupada com objetos de almoxarifado, impossibilitando ser frequentada com a frequência que necessitamos assim impossibilitando o seu uso para as atividades de leitura. Entre as respostas obtidas, todas justificaram (P3): “Cada professor realiza no seu espaço de sala de aula e nas áreas externas da sala de aula”.

Nessa familiarização, citada pelas participantes, com a biblioteca escolar, reconhecemos que, por se tratar de um centro difusor de conhecimentos e ser um mecanismo auxiliar para a aprendizagem e estímulo, para uma maior integração com a comunidade dos espaços, “[...] a formação do gosto pela leitura não deve ser uma iniciativa isolada e solitária, exige uma ação coletiva da comunidade escolar [...]” (BERTOLIN, 2006, p. 68).

Para a categoria “espaços”, optamos por classificar a unidade de análise apresentada no instrumento em subcategorias sobre o planejamento, as práticas e a importância da leitura, a leitura com os alunos, os gêneros textuais, o momento da leitura, o tempo dedicado, o

interesse dos alunos, a leitura como recurso e os gêneros textuais disponíveis.

4.2 O PLANEJAMENTO

Quanto à abordagem do planejamento junto ao grupo de professoras pertencente à rede municipal de educação, evidenciou-se, inicialmente que suas diretrizes estão alicerçadas pelas orientações estabelecidas, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante - PCNs, de Língua Portuguesa, e nesse sentido, no âmbito do entendimento de que a língua efetivamente faz parte da vida social do indivíduo (BRASIL, 2001), acreditamos ser fundamental tratar desse aspecto para o uso, ensino e a prática da leitura.

Destacou-se, que, com base no programa norteador de aprendizagem prática para o 1º ciclo do Ensino Fundamental, o profissional docente deve estar intimamente atrelado ao ato de planejar, uma vez que, em sua tarefa de ensino, para “[...] atender às necessidades do aluno é preciso antes de tudo, saber para quem se vai planejar e como vai realizar. Para isso conhecer melhor o aluno e seu ambiente é a primeira etapa do planejamento (PILETTI, 1989, p. 63), ou seja, é um processo de reflexão de tomada de decisão sobre a ação (PADILHA, 2001).

Pensando nisso, o questionamento “em seu planejamento, há um momento dedicado a prática da leitura?”, para as professoras participantes, constituiu-se como uma forma de investigar tal direcionamento das práticas de leitura em sala de aula, sua organização e funcionamento. Entre as respostas obtidas, todas afirmaram positivamente e com apresentação de materiais, que existe um momento para essa finalidade, principalmente no início da aula, através da “leitura deleite e da roda de leitura”, com temas pré-estabelecidos ou desenvolvidos baseados nas leituras exploradas.

O Planejamento sistemático e direcionado fornece situações de ensino que subsidiam o professor na elaboração de planejamento de situações didáticas para que os alunos desenvolvam e consolidem as habilidades necessárias para cada ciclo, é possível acompanhar a aprendizagem do aluno por meio de eixos norteadores da consciência fonológica, oralidade, leitura, interpretações e produção escrita e espera-se que o professor desperte em seu educando para atingir as competências planejadas:

No Ciclo I (1º, 2º e 3º anos): Relaciona letra ao som (grafemas e fonemas), lendo e compreendendo palavras, frases e textos; produz pequenos textos legíveis (compreensíveis) com coesão, coerência, dentro de um tema proposto mesmo que ainda não domine as convenções ortográficas, porque compreendemos que esse conhecimento será sistematizado durante todo o processo de escolarização (ROSA, 2012, p. 2).

Enfim, diante da metodologia do programa, e a compreensão das professoras constatamos que os momentos apontados são estratégias que contribuem significativamente, para o bom desempenho dos alunos quanto ao alcance das habilidades de leitura, por funcionarem como estímulos, apoio e acompanhamento para o desenvolvimento contínuo de todo o processo educativo.

4.3 AS PRÁTICAS DE LEITURA

Na questão 7, ao ser discutida a frequência de leitura no espaço da sala de aula, as educadoras dizem, com unanimidade, que diariamente realizam leituras individuais e coletivas com seus alunos. Isso reforça o fato de que o trabalho com a leitura deve ser permanente e provoque todos os dias o gosto e o hábito leitor, pois “uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente” (BRASIL, 1997, p. 43).

Para tornar-se um leitor, o aluno é colocado em situações que favoreçam e estimulem a leitura e a escola deve mobilizar-se para que os indivíduos atendidos sejam leitores compreensivos e críticos, envolvendo todos os professores em um objetivo comum.

Como enfatizado pelos PCNs de Língua Portuguesa (1997, p. 47), muitas são as razões que a escola pode articular para uma prática de leitura intensa:

Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido; expandir o conhecimento a respeito da própria leitura; aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de textos; possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens; informar como escrever e sugerir sobre o que escrever; ensinar a estudar; possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita; favorecer a aquisição de velocidade na leitura; favorecer a estabilização de formas ortográficas.

Nesse sentido, podemos averiguar que os PCNs são bem claros e fomentam que o ensino quando é permeado pela leitura objetiva galgar novas realidades de conhecimentos. Os alunos passam a evidenciar novos patamares de entendimento entre ler e leitura. Assim, a importância da leitura é um aporte-chave que deve estar em consonância com a escola antes, durante e todo o seu percurso de ensinagem.

4.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Em seus exercícios com a leitura, o educador, dentro e fora da escola, deve buscar ler as letras e palavras não como um ato de decodificação, mas, sobretudo, construir ações, conhecimentos, como uma atividade intelectual que explore o cultural além das paredes da escola, “[...] suas experiências de vida, suas histórias, sua linguagem” (BAGNO *et al*, 2007, p. 127).

Ao serem indagados sobre essa importância, as professoras, na questão 8, justificaram que essa prática em seus espaços de trabalho com os alunos tem desempenhado um papel muito relevante, conforme opiniões apresentadas abaixo:

“Sim, A leitura ajuda o estudante a se desenvolver integralmente. Trabalha a oralidade, respeito dos turnos das falas, ortografia e a prática de ler e interpretar”. (P1).

“A prática da leitura em sala de aula é importante porque leva o aluno a descobrir a função social da leitura e estimula a aprendizagem facilitando esse processo e compreensão.” (P2).

“É através da leitura que é trabalhado a imaginação, a oralidade, a criatividade e o estímulo para a produção escrita de textos e sua interpretação.” (P3).

Ao possibilitar uma compreensão mais ampla da realidade do aluno, a leitura torna-se como exemplificado pelas participantes (P1, P2 e P3), fundamental para a formação do indivíduo, pois possibilita um maior entendimento dos fatos e uma maior interação social e desenvolvimento intelectual.

Por sua função primordial em tornar o aluno um ser pensante, criativo e questionador, a leitura como prática social, é sempre um meio que favorece um bom desempenho, nunca um fim (BRASIL, 2001, p.57). Isso implica dizer que o ato de ler deve ser estimulante para tornar o indivíduo um agente transformador da realidade, pois com isso, “[...] reconhecemo-nos parte da humanidade e não seres isolados e somos capazes de tecer a própria individualidade a partir do e com o outro” (GURGEL, 1999, p. 210).

Se a leitura é um componente básico da educação, durante o processo de formação do aluno-leitor, espera-se que o professor adote uma postura ativa de testemunho como leitor, porque, segundo Frantz (2001):

[...] O ponto de partida é sempre o professor-leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através do seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura (p. 15).

Como fonte de expressão, a leitura amplia o poder de imaginação, reflexão e argumentação, despertando o senso artístico-literário. Por essas e outras razões, a escola é o espaço responsável por favorecer a competência da leitura e, especialmente, no nível do ensino fundamental, as crianças terão um maior contato com a leitura sistematizada, atingindo um autêntico desenvolvimento cognitivo social.

4.5 A PRÁTICA DE LEITURA COM OS ALUNOS

Ao serem indagados, na questão 9, sobre a realização de leituras junto aos educandos, todos os docentes afirmaram praticar leituras com seus alunos. Portanto, ao mostrar como se faz para ler quando o professor se coloca no papel de leitor, e ao ajudar as crianças sugerindo estratégias eficazes nos momentos de leitura compartilhada, como também ao delegar a responsabilidade pela leitura individual ou grupal, o professor torna-se facilitador do processo, um mediador, ao aproximar a criança do mundo literário.

Logo, concorda-se com Martins (1983) quando afirma que:

Na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado: se, da postura professoral lendo “para” e/ou “pelo” educando, ele passar a ler “com”, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro (p. 33).

A leitura permite de um modo geral, uma ampliação dos conhecimentos prévios e muitas possibilidades na construção de novos conhecimentos, possibilitando à ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações.

4.6 O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Desde os primeiros anos, quando a criança convive com situações de leitura e é exposta a contextos reais de comunicação oral e escrita, as possibilidades de tornar-se uma leitora competente são maiores. Ao levar em consideração o caráter social e subjetivo da linguagem, acreditamos que desenvolver a competência comunicativa do educando deve ser uma atividade que promova a interação do aluno com “diferentes tipos de texto e de gêneros discursivos para apreender o que as caracteriza em suas especificidades e naquilo que os identifica” (BRANDÃO, 2001, p. 40).

É essencial que a escola estabeleça para a leitura a sua posição de destaque e, aliado a isso, os educadores são as peças fundamentais para o trabalho com a diversidade de gêneros textuais discursivos, sem esquecer que deve haver um planejamento a materiais adequados para contemplar essa variedade.

Diante das opiniões das professoras investigadas, vemos claramente que inúmeros são os gêneros textuais explorados em sala de aula nos momentos de leitura, como podemos ver as respostas da questão 10:

“Fábulas, contos, poemas, histórias e outros.” (P1).

“Lista, poema, reportagem, história em quadrinhos e lendas.” (P2).

“Contos, lendas, fábulas, artigos de jornais, listas...” (P3).

Nas respostas dos pesquisados observa-se a presença de vários gêneros textuais com destaque para contos (P1, P3), poemas (P1, P2), fábulas (P1, P3), listas (P2, P3). Mesmo que as participantes empreguem um método específico de uso dos gêneros textuais, notamos que os exemplos mencionados foram aleatórios ou abrangentes, deixando margens para a interpretação de que não são estruturados, de modo a manter uma sequência didático-metodológica.

Acima de tudo, cabe ao educador articular a leitura direcionada além do livro didático, como estabelecem os PCNs (1997) a seguir:

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo. Não se formam bons leitores solicitando que alunos leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura, o trabalho com a diversidade textual (p. 55).

Com as observações realizadas foi possível perceber o envolvimento das professoras com os alunos no momento das leituras, onde a professora disponibilizava diversos textos dando destaque ao gênero que foi planejado para a leitura e conseqüentemente interações entre leitura e interpretações com algumas intervenções da professora, como informações explícitas, implícitas, esclarecimento de significado de palavras e contextualizando a leitura explorada.

Em cada sala de aula havia um espaço organizado e a disposição dos alunos diversos tipos de textos em livros, revistas, folhetos, manuais, receitas, regras de jogos, fichas de curiosidades, fenômenos naturais, desde textos bem simples como textos mais complexos, onde

todos da sala poderia trazer algum tipo de materiais para deixar exposto como sugerir a professora para providenciar algum material de interesse para ser explorado e disponibilizado.

4.7 O MOMENTO DA LEITURA

Das três professoras interrogadas na questão 11, acerca do momento determinado para a leitura, duas delas afirmaram acontecer no início do expediente e uma delas em todo o expediente, ressaltando que sempre estimula os alunos a leem os textos, seja literário ou explicativo. Vale lembrar que a leitura exercitada no começo das aulas representa um momento significativo para o desenvolvimento do hábito entre os alunos, por corresponder a um período em que o nível de cansaço é pouco expressivo e o potencial de motivação é maior.

É importante que, nessa prática, o professor crie o hábito no cotidiano dos educadores, do início ao final de suas aulas, de posse de múltiplos gêneros e recursos textuais, sem esquecer que, como nos diz Aguiar (1998, p.27), “todo hábito entra na vida como um jogo que, por mobilizar emoções, inspirar prazer, exige repetição contínua e renovada”.

As professoras demonstraram domínios dos conteúdos dos textos disponibilizados e selecionados pelas próprias professoras e pelos alunos disponibilizando uns momentos já no início da aula onde cada aluno busca uns livros, um texto, uma propaganda, regra de jogos, piadas, receitas entre outros gêneros, possibilitando aos alunos escolherem de acordo com seu interesse e convida a compartilhar com os colegas o motivo de sua escolha se assim preferir, possibilitando formarem duplas ou trio para lerem juntos.

4.8 O TEMPO DEDICADO

O tempo dedicado à leitura é de suma importância no processo de construção social, como demonstrado na questão 12, e a escola tem cada vez mais possibilitado essa habilidade. Valorizar cada minuto direcionado à leitura é possibilitar às crianças “um contato com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprender” (TEBEROSKY, 1996, p. 25).

Com relação às respostas obtidas, obtivemos os seguintes resultados: duas educadoras responderam usar uma hora dedicada exclusivamente à leitura, sendo que uma delas mencionou que o tempo dedicado à leitura é compreendido mais de duas horas.

Tempo conduzido por um planejamento, sistematizado para um bom aproveitamento e rendimento com alguns direcionamentos pré-estabelecidos, porém com aberturas para

introdução de temas escolhidos e de interesses que surgem nas leituras ou pertinentes para os alunos para exploração de características textuais e informações implícitas nos textos.

4.9 O INTERESSE DOS ALUNOS

Com relação à questão 13, sobre o interesse dos alunos pelas atividades de leitura, todas as professoras responderam que os alunos demonstram interesse nessa prática, cujos motivos são divergentes. No entanto, Bamberger (2000) afirma “existir fatores que influenciam nos interesses de leitura”, dependendo dos estímulos que forem dados a cada criança, bem como o papel do ambiente familiar e a convivência com os livros.

Segundo Silva (2004), além do professor conhecer o material a ser lido é necessário também saber abordá-lo. Na maioria das vezes, o professor apenas disponibiliza livros para os alunos manusearem ou lerem aleatoriamente, sem levar em conta o sentido e a importância desse ato.

Neste sentido, os PCNs (BRASIL, 2001) destacam que, para tornar alunos bons leitores, a escola:

[...] Terá de mobilizá-los internamente [...]. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente dará autonomia e independência [...]. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (p 58).

As professoras envolvidas na pesquisa demonstraram total envolvimento e apropriação das temáticas dos livros e dos textos disponibilizados em sala de aula, com dinamismo e interesse pelos temas escolhidos pelos alunos e havendo interações entre autor e leitores com a participação das professoras sempre que solicitadas para obterem mais informações implícitas e explícitas.

Todos os sujeitos entrevistados afirmaram que os alunos demonstram interesse pela leitura, porém as justificativas evidenciam uma diversidade de respostas, como apresentadas a seguir:

“Os meus alunos demonstram interesse pela leitura, participam com atenção, pois a leitura faz parte da rotina.” (P1).

“sim, A maioria sabe a importância da leitura e sempre eu os incentivo a ler. Inclusive mando livros e textos para lerem em casa.” (P2).

“Participam com atenção e realizam questionamentos a respeito do texto lido.” (P3).

4.10 A LEITURA COMO RECURSO

Quando tratamos da leitura como recurso, na fase do Ensino Fundamental, vemos que ler é ir além da decodificação dos sinais, através de um espaço pedagógico favorável à criança, levando a sala de aula a ser um ambiente:

[...] Privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança (ZILBERMAN, 2003, p. 16).

Ao proporcionar diversos momentos para a leitura, individual ou em grupo, devemos partir das experiências e conhecimentos prévios do aluno para inseri-lo no universo letrado e levá-lo, em momentos de iniciação e de descontração da aula, proporcionados pela “Leitura deleite” e “Roda de Leitura”, a aperfeiçoar sua aprendizagem. Seguindo um planejamento flexivo que favoreça sempre o contato com diversos tipos de textos para leituras, sendo propostas pelo professor quanto do interesse do aluno em explorar, ler, discutir ou interpretar o gênero que despertou o seu interesse.

Sobre esse aspecto, perguntamos na questão 14, “*Você costuma realizar a leitura apenas para deleite ou a utiliza como recurso para a introdução de conteúdos pedagógicos?*”. E as justificativas foram:

“Nos dois casos, em muitas situações contos e fábulas, abrem ou introduzem muitos conteúdos.” (P1).

“Costumo utilizar sempre a leitura tanto para deleite quanto para trabalhar os conteúdos.” (P2).

“A leitura deve está presente em todos os momentos. Costumo utilizá-la nas duas situações citadas na questão, visto que a considero fundamental para o processo de aprendizagem.” (P3).

Diante do exposto, percebemos que as três professoras adotam, em sua rotina de ensino, uma prática que compreende o emprego da leitura para deleite e para introdução dos conteúdos pedagógicos, o que nos faz refletir que, a leitura deve estar em sintonia com a proposta planejada para ambos os casos e a atividade deve ser intencional.

Vale lembrar que as participantes não utilizam da leitura para uma abordagem conteudistas o que reforça a prioridade de uma leitura dinâmica e prazerosa, presente na “leitura deleite”.

No ensino-aprendizagem para construção do hábito da leitura, para Matos (2001, p. 09), “[...] é costume abordar a leitura como recurso pedagógico visando, por exemplo, o aprender a ler, a leitura em voz alta e as interpretações de textos superficiais.”. Porém a responsabilidade do professor para transformar o ato mecânico da leitura deve contemplar atividades que valorizem o lúdico, a imaginação, a espontaneidade, com recursos que vão desde a integração com a biblioteca escolar, a variedade de textos e gêneros até os recursos visuais e/ou sonoros.

4.11 O PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO

Quando dizemos que a leitura é um ato que se constitui por meio da palavra do outro, constatamos que, nessa prática, o professor assume uma condição de mediador, que por meio do texto, desperta questionamentos e promove a construção de novos significados. Portanto, para que haja êxito no processo de formação da criança leitora, o educador deve ter clareza de sua metodologia em sala de aula.

Vale uma ressalva para o fato de que, para Smith (1999, p. 15), “a leitura não pode ser ensinada, mas, apesar disso, os professores e outros adultos tem um papel decisivo a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura.”. Aprendizagem esta que deve perpassar por práticas pedagógicas eficientes e pontuais, que levem os docentes a serem, acima de tudo, leitores, parceiros na formação do leitor competente, que percebam a leitura como algo inerente a toda sua vida e levem a criança além do ato monótono de conversão de letras em sons, porque, para Porto (2009, p. 28), “um leitor proficiente é aquele que vai além da codificação das palavras ou expressões linearmente ordenadas em textos”.

Durante a aplicação do questionário, quando perguntamos, por último, aos educadores, “Você possui algum curso específico em práticas de leitura?”, com unanimidade, a resposta foi negativa. Nesse raciocínio, reconhecemos que o professor deve refletir, ao longo de sua jornada, criticamente a prática para a formação do aluno leitor e que, “através do seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura” (FRANTZ, 2001, p. 15).

Ou seja, nessa relação dialógica entre o aluno e os livros, para Lajolo (1988, p. 53-54), “o primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor. Que goste de ler e aplique a leitura.”. Assim, em torno de um ambiente alfabetizador de troca de saberes, envolvimento intelectual e emocional, o

professor, intermediado pela leitura, é um agente transformador, uma parte integrante de um processo formativo maior.

Com efeito, cientes do papel da teoria em suas práticas, os professores devem buscar constantemente a formação continuada de práticas de leitura para ampliar a competência leitora, de modo que essa formação esteja articulada com o seu desempenho profissional, tornando as escolas um lugar de referência e exigindo profissionais “conhecedores da realidade da escola, capazes de trabalhar em equipe e de proporcionar meios para a troca de experiências, dotados de atitudes próprias de profissionais cujo trabalho implica a relação com o outro” (RODRIGUES & ESTEVES, 1993, p. 98).

Isso nos leva a refletir que “os professores necessitam ser ouvidos quanto às suas necessidades e dificuldades que permeiam a prática da leitura e da escrita” (SOUZA, 2008, p. 51), porque aproximar a formação da realidade vivida por eles é enxergar que a tarefa de ensinar o prazer da leitura não é exclusiva do professor:

É ponto pacífico que o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo, através das influências recebidas da atmosfera cultural de que ele participa (SANDRONI & MACHADO, 1991, p. 59).

Na concepção de Sandroni e Machado (1991) a formação do leitor é iniciada no ambiente familiar, onde os pais ou responsáveis desempenham um exemplo essencial, que influencia o contato com os textos verbais e não verbais, mesmo antes da linguagem sonora das crianças, como as cantigas de ninar, as conversas na hora do banho, as histórias para dormir e toda comunicação direcionada para a criança ou ouvida pela mesma. Então, o professor em tese é também um leitor proficiente, porque em sua base a leitura estaria presente desde a infância. Entretanto, não é o que ocorre na maioria dos lares brasileiros, em função da falta de acesso a esse bem imaterial.

Por conseguinte, o professor necessita buscar na sua formação acadêmica e continuada buscar suprir as lacunas porventura existentes para oportunizar aos seus alunos espaços de vivências em ambientes de leitura que potencializem o desenvolvimento mútuo das habilidades de leitura.

Por fim, a leitura é a mola propulsora entre o ensino e a aprendizagem, pois não tem como termos bons leitores se não aprendemos como saber ler, como ler e ser leitor. No mais, o hábito da leitura nos tornam pessoas maduras com um repertório de conhecimento muito mais abrangente do que se imagina, pois ler deve ser uma habilidade de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o ato de ler é um instrumento de conscientização e libertação, iniciado na família é necessário à emancipação do homem na busca incessante de sua plenitude. Portanto, a escola possibilita e oportuniza instituir proporcionando um momento de leitura diária é permitir que os alunos possam reverter posturas e desenvolver capacidades próprias e essenciais, criando e ampliando seu repertório, permitindo que se aprofundem e avancem de maneira satisfatória em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, tratamos a leitura e sua conceituação, a partir de uma perspectiva que enfatizou o seu papel da leitura na formação dos sujeitos e não simplesmente como um ato de decifração de letras e códigos bem mais amplo do que um processo apenas cognitivo. Devido a sua importância intelectual, social e inserção na vida e no mundo do indivíduo, a leitura, sendo um processo de interação entre leitor, autor e texto, torna-se um processo mental e intelectual capaz de contribuir de maneira significativa com o desenvolvimento da linguagem e a aquisição de conhecimentos diversos, levando a criança à descoberta de um universo infinitamente encantado.

Muito além dessa discussão, constatou-se algumas barreiras que interferem em uma prática de leitura efetiva no espaço pesquisado. Quais sejam: o espaço existente da biblioteca sendo usada principalmente para armazenar artigos do almoxarifado; o que não inviabilizou o trabalho de estímulo realizados pelas professoras que utilizaram espaços externos da sala de aula para dinamizar os momentos de leituras, a leitura como recurso para abordagem conteudista; a falta de sistematização das atividades com os gêneros textuais; a carente formação docente para as práticas de leitura.

Ressalta-se que o espaço e os momentos dedicados à leitura devem potencializar as habilidades dos alunos, favorecendo um estímulo e possibilitando diversificar as práticas, sem esquecer que o professor e o principal sujeito incentivador da leitura no espaço escolar, é a peça fundamental de uma consciência leitora que se inicia na escola.

Ao explorar esse processo tão importante como é o ato de ler, a escola desempenha um papel fundamental ao habilitar o educando a leitura desde a educação infantil, como um leitor interessado, curioso e conseqüentemente competente, apto a exercer sua cidadania no mundo moderno onde está inserido.

Logo, quando aprendemos a ler, é essencial procurar descobrir e entender as entrelinhas do contexto, porque a leitura desperta para a compreensão crítica e transformação da sociedade.

Para as ações de melhoria, apontamos a necessidade de um acompanhamento eficaz das práticas de leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com maiores subsídios pedagógicos aos docentes desde uma formação direcionada para a leitura como acompanhamento sistemático do coordenador pedagógico; um maior direcionamento na seleção e no exercício com os gêneros textuais. Despertar uma consciência da gestão escolar para disponibilizar e priorizar o espaço da biblioteca exclusivamente para trabalhos pedagógicos de professores e alunos,

Assim, para consolidar a importância do hábito de ler na Escola Municipal Pública analisada em Santa Cruz do Capibaribe, o processo de ensino-aprendizagem deve, efetivamente, levar à valorização e à formação de leitores eficientes, competentes e autônomos, sem deixar de lado o fato de que é recorrente a exigência de formação inicial e continuada dos professores, que precisam sentir-se responsáveis nesse âmbito da leitura e, juntamente com a equipe escolar, mobilizar uma série de estratégias no seu cotidiano de ensino.

Em síntese, esta pesquisa reafirma que a educação leitora é uma via para a emancipação do pensamento, sendo a leitura não apenas um instrumento de aprendizagem, mas uma experiência de liberdade, de comunicação e de autoconstrução, essencial à formação do cidadão pleno e participante de sua realidade.

RECOMENDAÇÕES

Em primeira mão, se faz necessário, que todos passem a ler com maior dinamismo possível. Entretanto, para a sociedade acadêmica o ato de ler por si só gera autoconhecimento. E, para os que gostam de ler a bola da vez é:

- ⇒ Criar sempre mais e mais o hábito de construir resenhas repensando em todas as formas de ler.
- ⇒ Que a comunidade escolar da pesquisa em foco possa cada vez mais ser bons leitores e aprendam que o hábito de ler é e sempre será uma terapia para a saúde mental.
- ⇒ Que as famílias passem a cobrar mais e mais dos estudantes para tornar o hábito da leitura uma fonte inesgotável de conhecimentos.
- ⇒ Que os pais possam ensinar os seus filhos que a entrega do hábito pela leitura rompe novas barreiras e faz bem para o nosso cérebro. Por fim, que todos saibam fazer o bom uso da leitura e usar o bom senso para trilhar novos horizontes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura, a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** São Paulo: Moderna, 1989.

BAGNO, Marcos Et al. **Práticas de Letramento no Ensino, Leitura, Escrita e Discurso.** São Paulo: Parábola, 2007.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Como incentivar o hábito de leitura.** São Paulo: Ática, 2000. BARDIN,

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BECHARA, Evanildo (Org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BECKER, Celia Doris. História da literatura infantil brasileira. In: SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre. Artmed, 2001.

BRANDÃO, Helena Magamine. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: _____ (Org.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática.** 7 ed. São Paulo: Moderna, 2002.

DELMANTO, Dileta. A leitura em sala de aula. **Construir Notícias**, Recife, ano 08, n. 45, p. 24-26, mar./abril. 2009.

DIB, C. T. Um olhar investigativo sobre a prática de ensinar leitura. In: V Seminário de Línguas Estrangeiras, 2003, Goiânia. **Anais do V Seminário de Línguas Estrangeiras.** Goiânia: UFG, 2003. p. 146-151.

FERREIRA, Naura S. C. A gestão da educação e as políticas de formação de profissionais da educação: desafios e compromissos. In: FERREIRA, Naura; AGUIAR, Márcia (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos.** São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais.** Ijuí: Unijuí, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GURGEL, Maria Cristina Lírio. Leitura: representações e ensino. In: VALENTE, André (Org.). **Aulas de português: perspectivas inovadoras.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HANSEN, João Adolfo. Leituras coloniais. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura.** São Paulo. FAPESP, Mercado Letras, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor.** Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 51-62.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Projeto memória de leitura: pressupostos e itinerários. In.: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura.** São Paulo. FAPESP, Mercado Letras, 2002.

_____. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1982.

_____. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1985.

_____. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo. Ática, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dec. 1979, p. 520-526.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola:** sobre a formação do gosto. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANNING, Peter K. Metaphors of the field: varieties of organizational discourse. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, dec. 1979, p. 660-671. MARTINS, Maria

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos; 74).

_____. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 74).

MATOS, F. L. **Leitura em sala de aula.** Monografia. Curso de Pós-graduação “Lato Sensu” em Administração Escolar. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <www.portaladm.adm.br/Metodologia/4.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra: 1857-1915.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Banco Sudameris-Brasil; Brasília: INL, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 1993.

NICOLIELO, Bruna. **Beabá do Brasil.** Educar para crescer. Boletim da educação. 2009. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-lista/index.shtml?172879>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula:** a formação de leitores proficientes. Rio Grande do Norte, 2009.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico:** como construir o projeto político- pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

RODRIGUES, Angela; ESTEVES, Manuela. **A análise das necessidades na formação de professores.** Portugal: Porto Editora, 1993.

ROSA, Ana Maria Morais. **Orientações para o perfil de saída dos alunos do I Ciclo.** Secretaria de Educação de Pernambuco, 2012.

ROSA, Flávia G. M. G. **Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil.** In: Revista Observatório Itaú Cultural. (Org.). Livro e Leitura: das políticas públicas ao mercado editorial. 1. ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2014, v. 17, p. 41-47.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luiz Raul (Orgs.). **A criança e o livro.** São Paulo, Ática, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1948.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda! In: **Conferências sobre leitura:** trilogia pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca.** 2. ed., São Paulo: Papyrus, 2004.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa.** 3. ed. Porto Alegre, Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura:** perspectivas disciplinares. São Paulo:Ática, 2000. p. 18-29.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, C. H. F. A. D. **Análise do conhecimento que os professores têm acerca da conceituação de letramento.** Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A conquista do jovem leitor:** uma proposta alternativa. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Além da Alfabetização.** São Paulo: Ática, 1996.

TERRA, Ermani. **Leitura de professores:** uma teoria da prática. 2012. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VILELA, Thiago Dutra. **História da educação no Brasil.** Linha do tempo. 2011. Disponível em: <http://issuu.com/ocomprimido/docs/historia_da_educacao_no_brasil_-_linha_do_tempo>. Acesso em: 15 nov. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Aplicação de questionário as professoras.

Eu, **JULIANA GOMES FERREIRA** estudante da **Universidad Del Sol – UNADES** pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em nível de Mestrado em Ciências da Educação venho por meio deste questionário na qual se segue lhe fazer um convite para que você possa responder caso queira, a cada uma das questões da maneira mais sincera possível.

Lembramos que esse material é confidencial, portanto, a sua identificação será amplamente preservada, resguardando todos os dados que possam identificá-lo/a.

Antecipadamente, agradeço a sua valiosa colaboração. Pois o tema da pesquisa é: “

Este questionário traz uma reflexão sobre práticas de leitura no processo de desenvolvimento do estudante e conta também com um roteiro de observação onde poderei além deste fazer uma série de constatação de forma in lócus dentre estas observações estão, a saber: Práticas pedagógicas. Tempo destinado à leitura. Espaços para a leitura. Os recursos utilizados. A Metodologia aplicada. Os Estímulos oferecidos e o domínio da temática.

Em caso de aceite, considerarei após esta aplicação os dados para compor o capítulo 4 de minha pesquisa. Conto com a sua colaboração e informo que a pesquisa é 100% segura e os dados não serão divulgados sendo respaldados pela lei da Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD de nº: 13.709/2018 que visa proteger a sua privacidade. Tendo também respaldo na Lei de nº: 13. 853/2019.

Assim conto com a sua participação nesta pesquisa.

Obrigada!

Santa Cruz do Capibaribe – PE, _____ de _____ de _____.

Participante

Pesquisadora

QUESTIONÁRIO AS PROFESSORAS

Nome: _____ Data: ____/____/____.

1. Qual sua idade?

- _____

2. Qual sua formação acadêmica?

Pedagógico Superior Incompleto Superior Completo

- Outros:

3. Há quanto tempo você atua no Ensino Fundamental?

- _____

4. Em qual (is) turno(s) leciona?

- _____

5. Na escola em que você trabalha, existe um espaço reservado para as práticas de leitura? Qual?

- Sim Não

- _____

6. Em seu planejamento, há um momento dedicado à prática da leitura?

- Sim Não

- **Em caso afirmativo, qual?**

7. Com que frequência à leitura é contemplada em sua sala de aula?

1 vez por semana 2 vezes por semana diariamente quinzenalmente

Outra:

- _____

8. Você considera a prática da leitura em sala de aula importante?

() Sim () Não

• **Justifique:** _____
_____.

9. Você realiza leituras com seus alunos?

() Sim () Não

• **Justifique:** _____
_____.

10. Que gêneros textuais você mais utiliza para as práticas de leitura?

• **Justifique:** _____
_____.

11. Em qual momento acontece a leitura?

() No início do expediente () No final do expediente () No expediente todo

12. Quanto tempo é dedicado para a leitura?

() Menos de uma hora () Duas horas

() Uma hora () Mais de 2 horas () Entre 1 e 2 horas

✚ Se for “menos de 1 hora”, quantos minutos?

• **Justifique:** _____
_____.

13. Seus alunos demonstram interesse pela leitura?

() Sim () Não

Por quê?

• **Justifique:** _____
_____.

14. Você costuma realizar a leitura apenas para deleite ou a utiliza como recurso para a introdução de conteúdos pedagógicos?

• **Justifique:** _____

_____.

15. Você possui algum curso específico em práticas de leitura?

() Sim

() Não

✚ **Em caso afirmativo, qual(is)?**

• **Justifique:** _____

_____.

APÊNDICE B – Quadro com o roteiro de observação.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO I

• Práticas Pedagógicas	• Tempo destinado à leitura	• Espaços para a leitura	• Os recursos utilizados
------------------------	-----------------------------	--------------------------	--------------------------

Fonte: A autora.

• **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.**

• **TEMPO DESTINADO A LEITURA.**

• **ESPAÇOS PARA A LEITURA.**

• **OS RECURSOS UTILIZADOS.**

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO II

• Metodologia aplicada	• Estimulos oferecidos	• Domínio da temática
------------------------	------------------------	-----------------------

Fonte: A autora.

• **METODOLOGIA APLICADA.**

• **ESTÍMULOS OFERECIDOS.**

• **DOMINIO DA TEMÁTICA.**

APÊNDICE C – Imagens das atividades individuais realizadas.**Figura 1 -** Reconhecimento dos nomes das figuras e a quantidade de sílabas.

Fonte: A autora.

ATIVIDADES REALIZADAS DE FORMA INDIVIDUAL**Figura 2 -** Leitura individual de textos curtos com interpretação textual.

Fonte: A autora.

Figura 3 - Leitura acompanhada pela professora de forma individual, auxiliando nas possíveis dúvidas.



Fonte: A autora.

Figura 4 - Momento de leitura em sala de aula, após haverá apresentação do livro didático escolhido pelo aluno.



Fonte: A autora.

Figura 5 - Apresentação individual do livro didático escolhido pelo aluno.



Fonte: A autora.

Figura 6 - Momento de escolha dos livros, de forma exploratória pelos alunos.



Fonte: A autora.

Figura 7 A – Estudante fazendo leitura ao ar livre.



Fonte: A autora.

Figura 7 B - Estudante fazendo leitura ao ar livre.



Fonte: A autora.

Figura 8 – Estudantes apresentando o clube do livro.



Fonte: A autora.

Atenção: Momento onde os alunos escolhem em comum um determinado livro faz a leitura e conversam sobre o enredo da narrativa.